

HÉLIO COUTO

DISSOLVENDO
A MATRIZ



9 788555 380105



coleção metafísica

dLivros

{ Baixe Livros de forma Rápida e Gratuita }

Converted by [convertEPub](#)

DISSOLVENDO
A MATRIX

HÉLIO COUTO

DISSOLVENDO
A MATRIX

1ª Edição
São Paulo, Dezembro 2015



Linear B Editora

Rua dos Pinheiros, 1076 cj 52 • Pinheiros

CEP 05422-002 – São Paulo – SP – Brasil

Tel 011 3812-3112 e 3812-2817 – www.linearb.com.br

•
DISSOLVENDO
A MATRIX
•

© Hélio Couto

1ª edição: Dezembro de 2015

•
Capa e projeto gráfico
Linear B

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação - CIP

C871

Couto, Hélio.

Dissolvendo a Matrix. / Hélio Couto. – São Paulo: Linear B Editora, 2014.

eISBN 978-85-5538-010-5

1. Metafísica. 2. Causalidade. 3. Harmonia Cósmica.
4. Dissonância Cognitiva. 5. Desenvolvimento Pessoal.
6. Mecânica Quântica. 7. Ressonância Harmônica.
8. Consciência. 9. Teoria do Conhecimento.
10. Motivação. I. Título.

CDU 111

CDD 110

Catalogação elaborada por Ruth Simão Paulino

Leia esta nota integralmente antes de solicitar adesão ao processo de Ressonância Harmônica!

A Ressonância Harmônica não é um ato médico, psicoterapia, psicanálise, pensamento positivo, feitiçaria ou magia.

A Ressonância Harmônica é um processo que se utiliza de ondas de informação que limpam gradativamente crenças limitantes e inserem no indivíduo novas informações para alavancar seu crescimento, em todas as áreas.

É uma ferramenta que serve a propósitos evolutivos conscienciais/espirituais.

A Ressonância Harmônica, dentre outras coisas, fornece ao seu corpo uma oportunidade de retornar ao seu estado ideal de equilíbrio, à sua vibração natural de saúde. Entretanto, recomendamos que você consulte um médico em todas as questões relativas à sua saúde.

Desaconselhamos que os usuários da Ressonância Harmônica interrompam parcial ou totalmente quaisquer tratamentos médico ou psicológico aos quais estejam sendo submetidos. Seus médicos e/ou prestadores de cuidados de saúde devem continuar a monitorar a sua saúde e recomendar eventuais modificações no seu tratamento.

Nunca retarde a busca de atendimento médico baseado apenas na sua interpretação sobre o conteúdo do material oficial

da RH, disponibilizado no site.

Nada do que é explicado nos livros, áudios, artigos e palestras é destinado a substituir os serviços do seu profissional de saúde.

Neste trabalho não fazemos promessas e não damos nenhuma garantia a respeito de quaisquer questões, incluindo as referentes à saúde dos usuários.

Você é o único responsável por seus cuidados de saúde e qualquer ato contrário a isso é de sua total responsabilidade.

Hélio Couto

Para maiores informações acesse: www.profheliocouto.com.br

Prefácio

Canalização é um processo em que uma ou mais pessoas do lado espiritual, transmitem seus conhecimentos por meio de um canal. É uma oportunidade para que estas pessoas e outras que não são citadas, possam transmitir seus conhecimentos de diversas áreas aos humanos encarnados.

O Universo é um lugar muito mais complexo do que sequer os humanos podem imaginar.

Os conhecimentos são transmitidos à medida que podem ser úteis no atual estágio de evolução do planeta Terra. De nada adiantaria passar conhecimentos que estão além da capacidade de compreensão da maioria dos humanos. É preciso expandir a consciência para poder assimilar a Verdade.

Quando o ensinamento do Mestre for praticado em larga escala no planeta, então será possível aumentar a dose de ensinamentos. Isto precisa ficar claro, porque algumas pessoas podem considerar que se deveria passar mais. Vejam o estado de consciência da humanidade e analisem se estão preparados para mais do que já é dado.

Quantas pessoas são mortas porque ousam questionar crenças gravadas a ferro e fogo por milênios? E são apenas crenças. É um mapa não o território. É para estas pessoas que as mensagens são dadas, a fim de que haja um mínimo de expansão de consciência. Passo a passo.

O que está nas próximas páginas já é suficiente para “levantar as orelhas”, se for entendido o que está sendo falado e o que está nas entrelinhas. Mais do que isso seria contraproducente.

Este é o primeiro volume de uma série. Os conhecimentos são transmitidos de forma crescente e contínua, fazendo parte de um todo. Existe um planejamento sobre o que passar e quando passar. As palestras seguem este planejamento.

Esperamos que estas palestras contribuam para a expansão contínua da consciência coletiva.

Dissolvendo a Matrix

Canalização: Prof. Hélio Couto / Rochester

– Prof. Hélio: Boa tarde a todos. Muito obrigado pela presença.
Nove de março de 2014.

Existe um problema na mente humana chamado: “Dissonância Cognitiva”. Isto é gravíssimo, sob todos os aspectos. Para todas as áreas da vida, de qualquer pessoa, é da mais extrema importância essa questão. Por quê? Porque a dissonância significa que a pessoa está vendo, ouvindo e não entendendo nada do que está sendo dito ou visto, ou está interpretando de acordo com seus preconceitos, tabus, filtros, traumas, bloqueios etc. A pessoa escuta ou lê uma coisa e entende outra. Imagine isso na sua carreira profissional. Como fica se você lê um livro ou texto de sua profissão e não entende o que o autor diz? É por isso que tudo é interpretativo. Por exemplo, é por isso que um técnico de futebol que não está dando resultado, só perde, e entra um novo e ganha na primeira partida. Isso é o normal.

O que aconteceu? Qual a diferença que há entre um técnico de futebol e o outro? Futebol é um negócio elementar, não tem o que inventar. Por que um técnico não obtém resultado e o outro obtém? Ou o diretor de uma empresa leva à falência e o outro leva a ter lucro? E assim por diante, em todas as profissões.

Então, vocês veem que a “tal” da “Ciência” é um algo extremamente relativo, porque depende da interpretação que cada um dá.

Outro exemplo, duas pessoas estudaram na mesma escola, uma levanta o prédio e o prédio cai, e o outro constrói e o prédio não cai. Na aula o professor ensinou igual, a aula é a mesma para todos da sala, o que aconteceu? Um entendeu e o outro não entendeu. Isso é extremamente complicado.

Quando se fala sobre o trabalho igual a este que é desenvolvido aqui, é um milhão de vezes mais complicado. Porque é Metafísica, mas isso não foi entendido até agora.

Lembram-se de Niels Bohr, o físico? Ele já foi falado várias vezes nesta sala – as palestras aqui têm sete anos e meio, e esse trabalho tem vinte anos – Bohr, um dos pais da Mecânica Quântica, disse que a Física só estuda determinados fenômenos, não estuda a realidade última. São palavras dele: “A Física não estuda a realidade última”. Assim, já começa o problema, certo? O que significa “realidade última”? Será que quando eu falo: “realidade última” todas as pessoas aqui sabem do que está se falando? É gravado, assistem e cada pessoa tem uma interpretação do que será essa: “realidade última”.

Se em toda palestra tiver que explicar o “arroz com feijão”, elementar de novo, aonde chegaremos? São aulas. Uma aula depende da outra, que depende da outra, que depende da outra, e assim, sucessivamente. Agora, se você entra na faculdade e assiste a uma aula no quinto ano, está entendendo alguma coisa? Nada. Mas é lógico, precisava fazer o primeiro, segundo, terceiro, quarto e quinto, aí, se entendeu, consegue acompanhar.

Este trabalho tem, até hoje, 59 (cinquenta e nove) DVDs. Eu deveria ter nomeado esses DVDs como “Parte 1”, “Parte 2”, “Parte 3”, e assim, sucessivamente, até “Parte 58”. Imagino que ficaria mais fácil de entenderem que é uma continuidade. Agora, como cada DVD está identificado com nome, para facilitar, em vez de colocar número, criou-se a dissonância cognitiva. A pessoa assiste dez minutos de um DVD, ou um DVD, ou oito DVDs, ou trinta DVDs completos, e considera que entendeu o trabalho. Porém, não entendeu. Quando essa pessoa comentar com outra que assistiu algum DVD, que ela não tenha assistido, a pessoa falará: “É, mas ele fala: ‘assim, assim, assim’”. “Não, não fala”. “Fala”, “Mas...” Percebem? Se não assistir os cinquenta e nove DVDs não sabe do que eu estou falando. Se não lerem os

quinhentos artigos que tem no *blog*, não sabem do que eu estou falando. Vai “tirar” um pedacinho de um DVD, uma frase do contexto, e concluir. E qual é o contexto? Os cinquenta e nove DVDs, quinhentos artigos e os vários livros que já existe impressos. Você só pode avaliar este trabalho quando ele estiver terminado. Enquanto ele está em andamento é precário fazer qualquer conclusão, pois são aulas após aulas após aulas. Não se pode chegar a nenhuma conclusão antes do quinto ano da faculdade, final do curso. Agora, lá no terceiro ano: “Ah, já sei o que é isso aqui”. Não é assim, não funciona. Mas, isto é difícil de ser entendido e gera uma série de problemas.

Hoje, farei um resumo dos cinquenta e nove DVDs e mais algumas questões que falaremos, para que fique claro. Pretendo que fique claríssimo, em um DVD. Um. Assim, se a pessoa questionar: “Que negócio é esse?”. É este DVD que você precisa assistir e/ou ler o *e-book*, para entender qual é o trabalho e se evitar que o mesmo seja distorcido.

Considerando o que Niels Bohr disse, alguém tem alguma dúvida de que tudo que é feito neste trabalho é Metafísica? Que não tem nada a ver com Física, nada a ver? Então, quando se pergunta: “Quem é o seu guru de Física?” Como se terá um guru de Física se você está fazendo algo além da Física? Ao se falar deste trabalho para algum físico, ele responderá: Que isso não existe, é sonho, delírio e outras coisas. Está completamente além da Física.

Niels Bohr disse: “Só fenômenos, determinados fenômenos”, e só. Nesses fenômenos tem bons resultados. Consegue fazer iPod, iPad, certo? Consegue construir bomba atômica, míssil, tanque. Isso consegue. Mas, se eles forem a qualquer Centro Espiritual no planeta Terra, e pedirem para que eles expliquem o que está acontecendo naquele Centro, eles não têm a menor ideia. Seja um médium vietnamita, cambojano, da Geórgia, na América, no Haiti, o povo do vodu, seja no Brasil, na Umbanda, no Candomblé, no Centro Espírita. Eles não têm a menor ideia do que está acontecendo, porque não querem estudar o que está acontecendo ali. Não é que falte inteligência ou cultura. A questão é que eles não querem estudar o que acontece no lado espiritual. “Epa! Mas não existe lado espiritual”. Então, como vão estudar algo que eles não acreditam que existe?

É como a visão fora do corpo. Há algumas pesquisas que localizaram uma área cerebral que acende com a outra, a outra, a outra, e isso dá a ilusão que você está fora do corpo, se vendo. Pronto. Pega-se um caso desses, coloca-se na máquina e mede-se o que a pessoa está sentindo e vendo. Acendeu, lá, no cérebro e está resolvido o problema. Espera um pouco, tem mais coisa nesse negócio, não? E quando a pessoa é deficiente visual (cega) e morreu, estão tentando ressuscitá-la, dando choque no coração e depois de aproximadamente quinze, vinte segundos, ela volta e descreve tudo o que aconteceu na sala: a roupa, o que disseram, o que fizeram, tudo; e a pessoa é cega nesta dimensão. E aí, como é que faz com esse caso? “Joga-se para debaixo do tapete”, nem citam um caso assim.

É isso que é uma Ciência de Fenômenos. Tem um fenômeno que a pessoa saiu do corpo. Mas tem outro caso que um deficiente visual (cego) saiu do corpo e contou tudo o que aconteceu. Este fenômeno do cego deixa de lado, certo? Tudo bem. É uma metodologia. Querem trabalhar assim, “beleza”, sem problema. Só que não pode ser afirmado que já sabem tudo de tudo. É preciso deixar claro qual é o âmbito da coisa.

“Realidade última” é O Próprio, Deus, O Todo, O Uno. Foi isso que Bohr disse: “Nós estudamos alguns fenômenos. Nós não queremos saber nada com a realidade última.” Porque, aí, deixa de ser Física e passa a ser Metafísica. E, como ele queria ficar na Física, ele se precaveu, falando: “Nós não temos nada a ver com essa coisa de espírito. Nosso negócio é somente eventos físicos clássicos”.

Bom, veio a Mecânica Quântica e bagunçou tudo, todo o edifício que estava perfeito, maravilhoso, como eles disseram em 1895, na Inglaterra, que não tinha mais nada para descobrir, somente detalhes mínimos. Tudo já havia sido descoberto – 1895.

Em 1900 o *quantum* foi descoberto. Então, afirmar-se, na Ciência, que “Já sabemos tudo” é algo bastante delicado, porque no dia seguinte é publicado matéria em uma revista científica que põe no avesso aquilo que foi falado, “Ah, não era mais ‘aquilo’, agora é ‘isso’”. Se vocês lerem as revistas científicas verão isso todo “santo dia”: “Pensávamos que era ‘isso’, mas agora descobrimos ‘mais isso’. Um novo

experimento, um novo estudo provou que não é mais ‘aquilo’, agora é ‘isso’”.

Então, mesmo com toda força que se faça para manutenção do status quo, a Ciência avança, funeral após funeral, como disse um grande físico. Por isso demora, certo? Demora, porque precisa morrer uma geração inteira para vir uma nova, com um “pouquinho” mais de abertura. Assim, essa aceita aquilo que a outra disse que em hipótese alguma era verdade.

Bom, assim que aquilo foi aceito, essa nova geração passa a dizer que isso é tudo o que existe igualzinho o papai fez; o filhinho faz a mesma coisa. Vem o netinho dele e adivinha? Faz a mesma coisa. Assim que se instalam, começam a defender o território. Lógico, cérebro reptiliano. Mais evidente e lógico, impossível. Até que morre essa geração, vem outra e assim vai. Por isso que secula seculorum para um “avançozinho” “desse tamanho” (demonstra tamanho minúsculo).

Não seria tão banal, descobriu-se algo, invalidou aquilo tudo que estava dito no passado? Abandona tudo aquilo, incorpora o novo e vamos em frente? Descobriu mais outra coisa, joga fora e atualiza. Pois é. Mas isso só dá para fazer na Eletrônica, em produtos. A Eletrônica é exponencial. Compara o computador de 1960 e os de hoje. O que tem hoje, naquela época parecia ficção científica. Flash Gordon usava iPod, iPad.

Alguns anos atrás, se vocês assistiram: “Star Trek - A Nova Geração”, o que o capitão tinha na mão? Lembram que ele tem uma telinha na mão? O que é aquilo? Um tablet. É de quanto? 1987/1990? O original é de 1969. Cerca de quinze anos atrás era algo de ficção e hoje é banal para todos. Mas isso só pode acontecer na Eletrônica de produtos, porque sucateia rapidamente e a cada momento atualiza-se a versão. Nos celulares, a cada seis meses já joga fora tudo o que era antes e há novos modelos de celular, e segue em frente. Aí, pode. Porque, é business, certo? É ganhar dinheiro. Não tem problema nenhum ter um celular novo, pois não afeta absolutamente nada. Então, pode comprar celular à vontade, cada um tenha quatro, pelo menos. Como acontece em Angola, onde cada angolano quer ter quatro celulares. Pode ser aquela fome, aquela miséria, mas celular pode ter.

Quanto à página do site e do facebook e demais materiais do meu trabalho que estava na internet, encontra-se em avaliação, manutenção. As pessoas ligaram ou escreveram, perguntando: “O que é manutenção?”

– Plateia: (*risos*).

– Eu devia ter respondido, chama-se: “dissonância cognitiva”.

– (*risos*).

– O que é manutenção? Está sendo mantido, alterado. Assim que ser concluído, volta. Quer dizer, algo banal e as pessoas gastam uma infinidade de horas, para filosofar em cima do que significa esta manutenção. Tudo tempo jogado no lixo. O tempo é a coisa mais preciosa que existe. É um “contadorzinho”. “Pimba! acabou, tchau.” E algumas pessoas utilizam esse tempo fofocando, por não entender o que significa manutenção. Por um acaso correu alguma notícia de que acabou, morreu, foi atropelado...

– (*risos*).

– ... alguma coisa assim? Tem várias pessoas que trabalham, são voluntários nesse trabalho. Caso acontecesse isso, qualquer uma delas colocaria “no ar”: “*Fim*”, “*The End*”. Pronto, não tem mais manutenção, acabou. Agora, se oriento coloque: “Em Manutenção. Estou atendendo”, não adianta, e continua os questionamentos. Voltará “ao ar”, porque está sendo avaliado e alterado. Quando o site estava “no ar”, quem teve a curiosidade de verificar no final da primeira tela identificado: “Caminho dos DVDs” – um por um, listado, em ordem de gravação e, embaixo, tem o nome do espírito que veio trazer a mensagem naquele dia.

O que é canalização? Mesmo problema de dissonância cognitiva. O que será que é canalização? Se vocês assistirem ao documentário: “Quem Somos Nós?”, versão estendida, a entrevista da JZ Knight, quem está falando? E a JZ Knight ou é o Ramtha que está falando através dela? Alguém tem, ainda, esta dúvida? Porque, quando foi lançado

passsei esse filme para quarenta pessoas, quem já havia assistido uma ou mais vezes não tinham percebido que a JZ Knight estava canalizando o Ramtha. Ou precisa falar: “incorporação”, “mediunidade”? Qualquer nome serve, é tudo a mesma coisa. É tudo a mesma coisa. Usa-se um nome ou outro ou outro, tanto faz. E só pesquisar, digitar: “canalização” e verifiquem a explicação.

Portanto, como alguém poderia ter dúvida, se está identificado todos os DVDs, com as respectivas pessoas que vieram falar naquela vez? Não há todos ali, é evidente. Tem pessoas que morreram há pouco tempo e os parentes ainda estão vivos. Então, não é possível falar que “tal” pessoa que veio ajudar na palestra e fica assim; não se pode falar. E há pessoas que ainda estão vivas e que vieram dar sua palavra na palestra. Estão vivos, *OK*? De carne e osso, assim, igual a nós. Estão lá num outro lugar, bem longe daqui. Eles saem do corpo lá, vêm aqui, ajudam, dão o recado e voltam para lá. Acredite quem quiser. Mas isso foi falado: “Que é uma canalização”. Foi explicado em várias palestras. Agora, se toda palestra tiver que explicar tudo, a mesma coisa, vocês não voltarão nunca mais, certo? Vêm em uma, porque nas próximas oitocentas palestras vai se falar a mesma coisa. Portanto, tudo é canalizado. O atendimento pessoal é canalizado.

Entende o que é dissonância cognitiva? Tem olhos e não vê. “Está na cara”, como se fala, e não vê. Se vocês assistem um DVD, veem que a abordagem, a forma de transmitir, de falar, a lógica, o raciocínio, é completamente diferente do outro, do outro, do outro, porque cada vez é uma pessoa diferente. De vez em quando vem à mesma pessoa, mas isso vai sendo alternado e intercalado. É completamente diferente, é outra personalidade, é outra pessoa. Se não enxergar isso...

Agora, para enxergar isso, precisa fazer o que? Eu preciso ter tremelique, tenho que rodopiar, eu tenho que cair no chão e rolar, senão não enxergam que é uma incorporação? Precisa ter um “teatro”, uma *mise-en-scène*? É por isso que nos lugares que vocês vão, pelo mundo afora, acontece isso.

Vocês acham que para um espírito incorporar o médium precisa dar rodopio? Mas, se não rodopiar, não incorporou. Se não ficar todo curvado, quase caindo no chão, mal conseguindo andar, não é um Preto-Velho que está ali. E acham que é preto, o espírito que está ali?

– (risos).

– É um branco, de outro planeta, um ser de Luz, que vem ajudar. Mas como ele vai falar naquela comunidade? Ele precisa falar de acordo com o meio que ele está para que possa ser entendido. Assim, ele precisa se travestir de Preto-Velho, porque, se falar que ele é um espírito de Luz, sabe o que falarão para ele? “Amigo, o seu lugar não é aqui. É em Sedona, lá no Arizona. Lá é que tem ser de Luz, E.T., ‘tal’. É lá. Aqui só pode vir...” É isso.

Então, cada espírito que incorpora, em determinados lugares, ele precisa se comportar como a cultura do local. O mesmo espírito, no dia seguinte, está lá no Vietnã, ele fará todo o ritual que os vietnamitas usam no Centro deles, completamente diferente disso daqui. Só tem uma coisa que é igual. Se assistirem aos documentários: *Discovery, History* etc., verão que o médium incorporado, lá, no Vietnã, quando ele está dando os passes, na pessoa que ele está ajudando, no final do passe o que ele faz? O sinal da cruz na testa da pessoa. Se prestarem bem atenção, no que o médium está fazendo, lá, no Vietnã, vocês verão que ele faz o sinal da cruz quando termina.

Isso significa o que? Ele trabalha para quem? Só tem um chefe. Todos trabalham para Ele. Agora, precisa ter inúmeras denominações? Facilita culturalmente? Paciência, não precisava. Mas isso, também, já foi falado aqui, lembram? Hoje é Resumo.

Assim, no “Caminho dos DVDs” indica que tudo é canalizado. São vários espíritos que vêm no mesmo dia, ou, às vezes um só, é variável. Então, está dito. Não é suposição, não é fofoca, não tem interpretação deste fato. Eu estou falando isso, dessa maneira, gravando hoje, para que fique claríssimo. Ninguém pode sair falando que não é canalização. Eu disse que é. Agora, se acredita ou não acredita, é outra questão. Cada um tem liberdade de pensar o que quiser. Mas, o que o Hélio disse sobre esse: “Caminho dos DVDs”? É tudo canalizado. Quando você senta na frente dele, é canalizado. Os artigos do *blog* são canalizados. Tudo é canalizado.

Se pesquisarem no *site*, na parte inferior, há um texto: “Esta tecnologia não é terrestre.” Está lá, escrito: “Não é terrestre”. O que não

é terrestre é extraterrestre, não é deste planeta.

Anos atrás, depois de uma palestra, uma moça ligou para vários conhecidos, para ver se achava qual era a máquina que gravava o CD que o Hélio falou. Todos disseram que não existe máquina que grave aquilo. Qual a conclusão que ela chegou? Não existe aquilo. Já foi falado que não é terrestre. Então, não adianta procurar tecnologia terrestre que faça, porque não existe. Mas isso foi dito e está escrito. Se acreditar, ótimo; se não acreditar, paciência. Mas está lá, escrito. Não tem o que filosofar sobre isso. “Não é gravado nesta dimensão.” Como que vai pegar a Enciclopédia Britânica inteira e colocar num CD de 800 *mega*? Conta para mim. Então, é óbvio, é óbvio que não é gravado nesta dimensão.

Onde estão as informações? Nos Registros Akáshicos. Tudo o que existe: passado, presente e futuro estão gravados nos Registros Akáshicos. Então, qualquer filosofia, ficar filosofando: “Qual físico?”, “Qual máquina?” É pura perda de tempo, porque já está dito que não é.

A questão é: a informação está lá ou não está lá? Ela é transferida ou não é transferida? Quem está usando sabe. Já sentiu a catarse e sabe que é real. Procurar, nesta dimensão, explicação para isso, esquece, que isso não existe. Agora, se um físico pegar o CD, ele vai começar a querer analisar os *hertz* que há no CD, nesta dimensão, e ele dirá que aquilo, lá, não tem nada.

Esse é um trabalho para daqui a cem, duzentos, quinhentos anos, mil anos. Ele está completamente fora do tempo. É só um *en passant*, só para que questionassem, pensassem, expandissem, só para ajudar. Não é para meia-dúzia de pessoas comprarem casa, carro, apartamento. Isso acontece, também, por decorrência da evolução que a pessoa teve. Assim, que limpou todos os preconceitos, traumas, bloqueios, tudo “anda”.

Então, está registrado na primeira tela do site: Extraterrestre à direita e canalização à esquerda.

Nesses vinte anos, e sete e meio aqui, algum dia eu fiz uma palestra sobre construção naval? Alguém aqui lembra isso? Impossível lembrar, porque isso nunca aconteceu, certo? Nunca. Então, o dia que forem construir um navio, vocês virão me perguntar como é que constrói um navio? Eu suponho que não. Eu não tenho muita certeza, mas...

– (risos).

– ...eu espero que não, porque a fila já é grande. Se entrar o povo da construção naval, fica mais complicado.

Algum dia eu fiz palestra sobre criação de galinhas, aqui? Granjas? Portanto, não tem nenhum sentido me perguntar de granjas industriais ou particulares ou qualquer tipo de criação de galinhas. Muito bem. Pura lógica, hein?

Algum dia eu fiz uma palestra de Medicina? Nunca.

Em 1994 eu apresentava um programa de rádio com a Dorinha Yoshinaga, Taróloga, e o microfone ficava aberto “no ar”, e os ouvintes ligavam para fazer suas perguntas. Eu falava de Neurolinguística e ela fazia leitura do Tarot “no ar”, ao vivo. Ligou uma senhora e disse: “Porque a doença ‘tal’...” A Dorinha respondeu: “Minha senhora, a senhora não vai me indispor com a classe médica. A senhora pergunte qualquer outra coisa que “leio as cartas”, mas desse assunto eu não falo.” Isso foi em um programa em conjunto com ela, em 1994.

Portanto, nem construção naval, nem criação de galinha e nem Medicina, Oftalmologia, Psicologia, Psiquiatria, Psicanálise, não é comigo. Mas isso não foi entendido. Nunca, ministrei palestra sobre esses assuntos.

Então, como a pessoa pode concluir de que ela não precisa ou deve fazer um tratamento médico porque ela está tocando um CD? De onde que a pessoa faz essa conclusão? Porque, toda pessoa que pergunta sobre, eu respondo: “Você deve ir ao médico.” E tem outra coisa: sintoma não é catarse. Vou repetir: sintoma não é catarse. “Ai, está doendo aqui” (mostra o cotovelo), a pessoa acha que aquilo é catarse? Não é catarse. É sintoma de algum problema, que ela deve procurar tratar.

Assim, essas generalizações, interpretações, são extremamente complicadas. Eu entendo que o desespero é enorme. Eu já passei pela porta do prédio amarelo, no Hospital das Clínicas em São Paulo. Vocês já passaram por ali ou ficaram, um pouquinho, na porta? Se sim, viram o que passa por ali. Toda a miséria humana desfila naquela porta. É onde tem o Banco de Sangue para doação, também, a Fundação Pró-Sangue. Já fiz palestra na Fundação Pró-Sangue. Interessante, não é? O Hélio

pôde fazer palestra na Fundação Pró-Sangue, dentro do hospital, várias vezes, sem nenhum problema. Lá dentro, no meio, ninguém concluiu que substitui a Medicina.

Então, “transferência de informação” é outra coisa, completamente diferente e está, exaustivamente, explicada nos cinquenta e nove DVDs, livros e postagens.

Quando o paradigma mudar e a Mecânica Quântica for aceita, todos os problemas estarão resolvidos. “Quando”. A palavrinha-chave é; “quando”. Pode colocar séculos nisto, séculos. Lembram que um dia foi falado aqui que em 2215...? Lembram? Está gravado. Em 2215 terá uma abertura. Precisa ser 2215? Não precisa. Está tudo aí, descoberto, testado em laboratório, tudo, tudo. É só usar o que os físicos descobriram.

Por que é tão difícil ter solução para esses problemas? Se o todo da pessoa tem problemas, evidentemente que a parte, também, terá problemas. “Ai, está doendo esse dedinho aqui”. O problema é no dedinho? Não. O problema é em um meridiano que está subindo aqui (pelo peito), que vem até aqui (na base do pescoço), que está sendo contraído devido a um problema psíquico, e, aí repercute no dedinho.

Para que se possa ter a solução de tudo isso, cada um tem que resolver as questões pendentes do vaso chinês. Que será esse “vaso chinês”?

– (*risos*).

– Você vai à minha casa, entra estabranadamente, derruba um vaso milenar, estilhaça e pede perdão, “Perdão, quebrei seu vaso”. Tudo bem, não tem problema, está perdoado. Agora, faz um cheque de R\$50 mil para pagar o vaso. Perdão é uma coisa e pagar o vaso é outra, porque a pessoa está devendo o vaso. Lembram? Ela quebrou o vaso e está devendo o vaso. E precisa ser pago, ser compensado.

Então, existe uma questão cósmica “em aberto” que: se aceitam, muito bem; se não aceitam, também, tudo bem. O Todo tem paciência infinita. Assim, se aceitou, aceitou, se não aceitou, não aceitou. Sem problema, segue em frente. Esse é o mesmo problema, que estamos

explicando agora, de um *blog* que colocaram “no ar” – eu nem olhei, mas me disseram – “Fique rico em 24 horas com Hélio Couto”.

– (*risos*).

– 24 horas, sem “jeitinho”.

– Eu vi isso aí.

– De onde que pode se concluir este número 24 horas? Pegaram um “pedacinho” de um DVD, juntaram com outro “pedacinho” do outro e concluíram..., e postam “no ar”? De onde que...? Isso é impossível. É impossível. Se você emana aquilo que você é – uma vibração, em *hertz* – quando você virou Luz você atrai tudo o que precisa. Mas também já foi explicado aqui que, quando você vira Luz, você não está nem um pouco interessado em casa, carro, apartamento, Camaro amarelo, fazenda de cento e cinquenta mil cabeças, essas coisas, não é mesmo?

A pessoa batalha, batalha, batalha, batalha, aquela guerra, depois de “não sei quantos” milênios e milênios e milênios, ganha um pouquinho de Luz, aí aquela guerra toda não significa mais nada. Quando chegar ao ponto em que você pode ficar rico em 24 horas, você não está nem um pouco interessado em ficar rico. Vocês entenderam? Já foi explicado.

Quando você fica no estado de Buda não tem mais nenhum interesse material nesta coisa. E só se pode ficar rico em 24 horas, como eles falaram, se virar Buda – faz “assim” (estalar os dedos), um CoCriador Consciente. Um CoCriador Consciente vai ficar preocupado com...? Portanto, é literalmente impossível alguém ganhar dinheiro em 24 horas. De onde tira isso? “Das infinitas possibilidades”, foi o que comentaram. Infinitas possibilidades? Dissonância cognitiva, certo?

Vamos explicar o que é: “infinitas possibilidades”. Quem tem as “infinitas possibilidades”? O Todo, O Todo. Ele é o infinito das infinitas possibilidades. A onda Dele vai passado, presente e futuro, ela flutua, infinitas possibilidades, até que alguém pense em algo. Aí, essa onda volta e colide com essa. Chocou e virou uma onda – elevou ao quadrado – virou uma *probabilidade*. Assim, de possibilidade, passou a ser *probabilidade* – que é quando vocês pensam em casa, carro,

apartamento. Uma *probabilidade*, que ainda tem uma distância de virar concreto nesta dimensão. Mas, como você manifestou o desejo de ter, por exemplo, o *Camaro* amarelo, virou uma probabilidade.

Agora, vocês já sabem, probabilidade é uma chance em oitocentos trilhões. É uma probabilidade. Uma chance em setenta milhões – Mega-Sena – é uma probabilidade. Um em setenta milhões. Continua jogando, certo? Quem sabe? Mas a probabilidade é essa, um para setenta milhões.

Portanto, infinitas possibilidades é um negócio do Todo. Você pode imaginar o que quiser, tudo bem. Colide com a onda Dele, aí virou probabilidade, “beleza”. Agora, para isto virar realidade aqui nesta Terceira Dimensão? Aí, tem um conceito, que os beneditinos falam: “Ora e labora. Ora e labora. Ora e labora.” Só orar não vai adiantar nada. Só laborar, também, não vai adiantar nada. “Ih, mais essa... Essa questão do ‘labora’, não dá. Não dá. Porque esse ‘tal’ do ‘labora’, tem que sair da zona de conforto, não é mesmo? E nós queremos as infinitas possibilidades de fazer “assim, assim” (*estalar os dedos*), e cria-se: diamante, ouro.

Quando você virar Ser de Luz, “tranquilo”, pode manifestar o quanto quiser de diamante que ninguém está “nem aí”, porque para um Ser de Luz não significa nada, diamante, nem ouro, nem coisa nenhuma.

Imagina, o Todo cria o Universo – este aqui, noventa e três bilhões, que nós enxergamos, certo? No momento, uma leve oscilação na mente d’Ele, há quinze bilhões, treze e meio, o “tal” do *Big Bang*. Uma leve oscilação e Ele criou isso aqui. Dá uma olhadinha. Uma galáxia, cem bilhões de estrelas; bilhões de galáxias, superaglomerados de galáxias, planeta só de ouro, planeta só de diamante, e assim por diante.

O que é isso? Um elemento de Química? Ele junta a onda de um com a onda do outro (*de duas direções diferentes*), próton, elétron, nêutron, e faz os elementos, o quanto quiser. Não é isso?

O Todo vai estar preocupado com diamante, com ouro, com essas coisas? Portanto, é absoluta perda de tempo escrever algo assim, que se a pessoa estudar os cinquenta e nove DVDs verá que isso é uma baboseira que não tem tamanho, porque você não tira isso, um conceito desse, de lugar nenhum.

Quantas palestras foram realizadas, aqui, sobre espiritualidade, Budismo, Taoísmo, Zen? Quantas? Uma só sobre o Mestre. Quantos

versículos não foram explicados aqui nesta sala, o significado metafísico do versículo, para facilitar que vocês possam criar? Quando resolverem o vaso chinês. Reencarnação. Reencarnação.

Há uns dezessete anos atrás, eu ministrei uma palestra no Hotel, ex-hotel, Danúbio, em São Paulo, de quatro horas, sobre reencarnação. Durante quatro horas falei sobre o tema e não usei uma única vez, a palavra “reencarnação”. Falei quatro horas sobre o assunto sem usar a palavra, para não ferir nenhum sentimento, de alguém que não acredite em reencarnação. Mas isso foi a dezessete anos atrás, já acabou, nova fase.

Se a pessoa não aceita o conceito, ela passou a ter grandes problemas para entender o que acontece neste mundo, na Terceira Dimensão; terríveis problemas. Porque, é claro, pode ser jogado tudo “debaixo do tapete”, as pessoas fazem isso o tempo inteiro, mas... Agora, vocês sabem Freud já falou: coloca “embaixo do tapete”, criou mais problema.

Uma criancinha nasce sem braço ou com *Aids* (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) ou cega, surda, com câncer etc. – a lista não tem fim – ou em Ruanda, com o nariz mais largo ou o nariz estreito. Assistiram a filme: “Hotel Ruanda” (2004)? Assistam. Como é que classifica esta etnia? Os belgas, quando foram lá, o rei Leopoldo – foi fácil – pegaram um medidor e mediu o nariz: maior, menor; maior é de uma raça, menor é da outra, pronto. Assim, o povo do nariz grande mata todo mundo do nariz pequeno – oitocentos mil mortos. Genocídio étnico, por tamanho de nariz. Por que ninguém levantou o *DNA* desse povo para dizer: “Você é da raça ‘A’ e você é da raça ‘B’”? Não, é considerado o tamanho do nariz.

Então, quem não aceita reencarnação tem grandes problemas para resolver. E só olhar o que acontece nesse planeta. Por que uma pessoa nasce “assim” e o outro nasce “assado” e todas essas questões em aberto? E, daí, só resta a essas pessoas começarem a analisar e chegarão a algumas conclusões complicadas:

“Como pensa ou sente esse Deus que faz a criancinha nascer sem braço, sem perna, cega, surda etc., etc., etc.?” Como é que elabora a questão da Divindade? Ah, esqueci: “Não existe a Divindade...” Ah, está bom. Então, ficou fácil de “jogar para debaixo do tapete”, porque virou o que? Aleatório, não é mesmo? Ninguém sabe bem a razão, mas é

aleatório, certo? Azar desse bebê que nasceu desse jeito. Pois é. Enquanto for na família dos outros. Bingo!

Enquanto os excepcionais forem dos outros, você pode achar o que quiser: “Não, isso foi o *DNA* de uma mutação qualquer”. Mas, quando nascer de você, então, terá que pensar em algumas questões fundamentais. Por que essa criança nasceu de você? Ou de quem que é? Do pai ou da mãe, dos dois? Quem que está envolvido nisso? Ou ninguém está envolvido e a criança veio. Ela não tem problema nenhum, mas ela veio daquela forma para ensinar alguma coisa para os pais. A criança não tem *karma* nenhum, mas os pais precisavam aprender umas coisinhas. Assim, a criança nasce daquele jeito para ajudar os pais. Então, antes de “atirar a pedra” nas crianças é preciso parar pra pensar.

Vocês se lembram daquele famoso caso, já comentado aqui, que a pessoa vem em consulta e diz: “Eu quero ganhar dinheiro, dinheiro, dinheiro, dinheiro”. Quer que “encha” de clientes. Só que há dez mil anos atrás essa pessoa fazia uns rituais humanos – arrancava o coraçãozinho das pessoas para oferecer, a qualquer divindade que ela achasse que dava para fazer negócio.

Tem um seriado que está passando atualmente, sobre *serial killer*. Em um dos episódios tem um acampamento, no meio do bosque, em que o ritual de iniciação na seita é um sacrifício humano. Por que será que o autor, o roteirista, desse episódio, criou essa cena, essa situação? Em Hollywood faz-se o que é possível fazer. Igual aqui, fazemos o que é possível fazer. Portanto, o roteirista sabe o que acontece no mundo.

O que ele pode fazer para alertar sobre isso? Ele escreve uma historinha e coloca as cenas para os humanos que estão assistindo televisão verem: “Quem tem olhos, veja”, não é mesmo? Muitas pessoas assistem e irão considerar que é só ficção, certo? Literária. Mas, quem tem olhos, quem pesquisa, quem pensa, sabe que é “assim”.

Mas isso é outro problema de dissonância cognitiva. Pega-se um problema “desse” e “joga-se debaixo do tapete”.

Quando que algo assim pode ser resolvido? Quando um número gigantesco de pessoas estiver consciente e mobilizado para pressionar que acabem com os sacrifícios humanos. Enquanto for ignorado, segue... Desde o início é assim e continua o tempo todo, hoje, sem parar. É

divulgado matéria na *National Geographic*. Na Série “Tabus”, saiu matéria sobre o tema.

Esse é um exemplo claro de não querer enxergar a realidade. Age-se como se isso não existisse. É a mesma situação o filme: “8 Milímetros” (1999). Quantas pessoas assistiram a este filme? Hum... Meia-dúzia. Quem quer saber da realidade desses filmes? Ninguém.

O filme: “12 anos de Escravidão” – está na ordem do dia. O que está acontecendo? As pessoas saem do cinema, no meio do filme, porque não suportam ver determinadas cenas. O que o diretor colocou ali é um *en passant, light*, do que é possível colocar em um filme feito em Hollywood. A realidade da escravidão é indescritível. Quando se fez a palestra aqui, “História do Brasil – Escravidão/Educação” contou-se um “pedacinho” da História. Porque, se fosse contar o que faziam com os escravos e as escravas, ninguém suportaria.

No filme ele deu um *en passant*, e o povo sai na metade do filme. Só que isso aconteceu há quanto? Cento e trinta anos atrás, aqui, no Brasil. Cento e trinta anos atrás. Muitas daquelas pessoas já nasceram novamente, tanto uns quanto outros.

– Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete. Sete. (*Faz a contagem de pessoas afrodescendentes na palestra*)

Nossa! Estou contente. Tivemos um aumento de 700% na presença dos afros na nossa palestra, porque da última vez tinha um. Cento e cinquenta brancos, e havia um. Hoje, tem sete. Só tem um detalhe: no Brasil, eles são 47%. Representa cerca de 5%.

Entendem o que é o vaso chinês? Por que eles não vêm? Porque eles não acreditam que é possível mudar. Tenho cliente que reside na favela (núcleo habitacional) e comenta: eu explico, explico, falo: Vamos? E nada.

Vocês já imaginaram o trauma que essas pessoas tiveram com o que se fazia com elas durante esses trezentos, quatrocentos anos de escravidão no Brasil, na América e etc.? Quando essa pessoa morreu, em que estado ficava, por anos e anos e anos e anos? Séculos. Porque a realidade da pessoa é criada pela mente dela. Quando você está no astral à mente é absoluta. Se a pessoa está naquele trauma horripilante, que ela se refugia dentro de si, ela não sai mais dali. Ela cria um círculo vicioso

e não sai. A pessoa pode estar em qualquer lugar no astral, até em um hospital, por exemplo, se fosse o caso, ou está desacordada ou está chorando, gritando etc., por séculos. Quando está lá tem que sedar, e aí a mente daquela pessoa é um pesadelo eterno. Imagine o pior pesadelo que vocês possam ter e ele não para nunca, porque você está sedado. Porque, se você acordar, você surta mais ainda. Então, você tem que ficar dormindo.

E isso porque está se tentando, de todas as formas, tirar aquela pessoa do enredamento mental que ela está pelas torturas que sofreu quando era escrava. Ela só tenta escapar do algoz, o tempo inteiro. Ela sente o que ele fez de novo e de novo e de novo e de novo e tenta escapar. Lembram? Sonho, pesadelo. Aquilo não para nunca.

Vamos supor que reencarnasse uma pessoa dessas, nascesse aqui, no Brasil. No começo é um bebezinho, um ano, dois, três, quatro, cinco, sete; depois, ele vai à escolinha. Qual a reação que ele tem? Ele “morre” de medo. Se ele ver só crianças negras, está entre eles, mas se ele ver um branco, entra em pânico na hora, porque, no inconsciente dele, está, lá, gravado todo aquele trauma, porque, ainda, não foi resolvido. Então, se tirar a pessoa, lá, do hospital e ela for reencarnada sem estar curada, o problema persiste. Ela abre o olho aqui e “morre” de medo.

E, se chega perto de você, como é que essa pessoa reage? Vocês devem conhecer pessoas, na vida prática, aí fora, que agem assim: a pessoa chega perto, “Sim, senhor. Sim, senhor”, “Doutor”, “Doutora”, “Dona”, “Sim, senhor”. Por precaução, ela trata você como um senhor de escravo, antes que apanhe, porque não sabe o que você vai fazer. Apanhava sem fazer nada, sem ter culpa nenhuma. Aí, você julga, analisando essa pessoa. Você percebe que tem autoestima baixíssima, autoconfiança baixíssima. Por que será? É esse o motivo.

Assim, precisa de quinhentos anos de terapia para resgatar um pouco dessa autoestima, um pouco dessa autoconfiança, porque a pessoa está destruída, literalmente. Quantas encarnações essa pessoa precisará ser bem tratada para passar a ter alguma confiança, poder relaxar, “baixar a guarda”, falar: “Onde eu estou?” Por isso que eles não veem aqui, só tem sete, de cento e setenta pessoas.

E o outro lado da moeda? A dona da fazenda, o capataz, os filhos, o sinhozinho, que abusavam de todas as maneiras dos escravos? Eles

nascem e como ficou esse débito? E as guerras? Todas as chacinas, genocídios, crimes de guerra?

A História da humanidade é um negócio espetacular, tem trinta anos de paz, que se conseguiu documentar. Trinta anos. Isso é otimista, porque, tinha lá em “não sei que ano” um povo guerreando, que não foi documentado na História. Então, o historiador começou a levantar de “tanto a tanto”, “tanto a tanto”, todas essas três mil, cinco mil guerras. Houve um período de trinta anos em que não teve guerras. Trinta anos, os demais períodos, direto guerras.

Agora, se você tem trinta anos, na História do planeta, em que não tem guerra, adivinha? Todo mundo, aqui, participou de guerra. É lógico. E qual o papel que você teve na guerra?

Assistiram ao filme: “A Lista de Schindler”? Coloquem na lista para assistir. Esse filme é extremamente educativo porque, assim que acabou todos aqueles guardas falaram, que não tinham nada a ver com aquilo: “Nós só cumprimos ordens”. Todos, com raríssimas exceções. Quem era ideologicamente convicto continua achando que fez o que fez, mas a maioria considera que não tem culpa nenhuma nisso.

Existe todo um protocolo psicológico que se segue quando se quer criar pessoas assim, *OK*? É um protocolo: Você faz “assim”, “assim”, “assim”; a doutrinação, a “lavagem cerebral”. Você faz “assim”, “assim”, “assim”, “assim”, em pouquíssimos anos um sujeito, digamos, “pacífico”, que trabalha numa indústria, num escritório, em qualquer coisa, vira um ser que faz aquelas coisas. Qualquer pessoa, praticamente, “vira”, desde que se aplique o protocolo. É por isso que é tão fácil fazer guerras. Porque, se fosse meia-dúzia de governantes de um lado contra meia-dúzia de governantes do outro lado, ridículo, não teria guerra nenhuma.

Agora, para ter guerra, que você pega uma nação inteira (A) e joga contra a outra nação (B), e essa também (C) contra essa (D) e todo mundo, é porque o protocolo funciona dos dois lados. Pessoas totalmente pacíficas viram feras e cometem as maiores crueldades. E, quando termina, voltam para casa como se nada tivesse acontecido.

Tem um ramo da Psicologia Social que chama: “Linhas Básicas de Transformação”. Estuda esse assunto: como que isso migra para pessoa sair da realidade. A realidade está aqui (num ponto) e um determinado

povo está, mais ou menos, junto, quando começa esse protocolo a ser executado, a realidade vai vindo para cá (para um lado) e o povo vem para cá (outro lado). Todo sistema de crenças de um povo inteiro “sai fora” da realidade e descamba na violência. Isso é, nesse estágio de evolução da humanidade, algo normal de acontecer. Se você esperar o contrário disso terá problemas. Se esperar que a reação seja pacífica, terá uma tremenda surpresa, porque a reação será de violência. Linhas Básicas de Transformação. Vocês podem assistir isso, “ao vivo e a cores”, agora, lá na Ucrânia, em Crimeia, está em andamento. E em vários outros lugares pelo mundo.

O problema da água é a mesma coisa, está inserido neste mesmo protocolo. Quem hoje no planeta, desses sete bilhões, quer falar, quer saber, quer estudar, sobre os problemas do clima? Conta nos dedos, não é mesmo? Outra dissonância cognitiva; “joga para debaixo do tapete”. Então, acha-se que pode esquentar quanto for que não tem problema nenhum. E sabe por que as pessoas fazem isso? Porque elas só julgam com base na experiência delas. Elas não olham a História, não olham cinquenta anos atrás, cem, duzentos, quinhentos, nada. É na experiência dela, não está acontecendo nada demais. Por enquanto.

É o mesmo problema da rã na panela. Lembram-se disso? É o mesmíssimo problema. Pega a panela com água fria, põe a rãzinha e liga no fogo brando. Quando a rã perceber, “já foi”, está cozida. Quando ela perceber “Epa!, está quente”, acabou. É a mesmíssima coisa que está acontecendo nesse planeta e que ninguém está “nem aí”, devido as Linhas Básicas de Transformação.

Na experiência daquela pessoa – um jovem de vinte anos – o que ele vivenciou? Está tudo funcionando, não é mesmo? Tudo. Nossa está tudo ótimo, porque tem o *iPod*, tem *iPad*, tem o *Twitter*, tem o *Face*, tem toda esta parafernália. Ele não sabe que há quinze, vinte anos atrás, não tinha nada disso. Seus filhos, pequenos, nem imaginam que o mundo não tenha *iPod*: “Teve uma fase no planeta Terra em que não tinha *iPod*?” Perceberam? Então, essa pessoa, ele só julgará a realidade com esse grau de experiência que ele tem os dez, quinze, vinte, trinta anos de vida que ele teve. Ele não consegue olhar mais para trás. Então, ele não consegue perceber que a água está esquentando a rã.

Foi feito um estudo desse tipo na América, com pescadores. Pegaram pescadores de três gerações: pescador de sessenta anos, de trinta/quarenta e os de vinte. Três gerações. E perguntaram para os antigos: “Você notou alguma mudança nos cardumes, na quantidade, na qualidade e nas espécies de peixes?” Eles falaram: “Sumiu tudo, praticamente. Não tem mais nada do que a gente pescava.” O povo de trinta, quarenta anos: “É, teve uma pequena mudança. Tinha lá umas espécies e agora a gente não pesca mais”. O de vinte anos: “Está tudo normal”. Isso porque ele considera que aquelas cinco espécies que sobraram é o normal, que sempre foi assim. Ele não sabe que já sumiram duzentas espécies.

Essa é uma questão gravíssima, porque a população de hoje não enxerga cinquenta anos atrás, só vê que está normal, o que está acontecendo agora, aqui. Quando passa dezembro, janeiro, fevereiro, março, e “Cadê a água?” A rã está começando a sentir um calorzinho, mas ainda nada. Está tudo normal. Se nesse reservatório não tiver, tira do outro, passa um pouco do outro para cá e vamos em frente. Agora, eles não sabem a verdade? Eles não sabem isso que eu estou falando aqui? Se eu tenho acesso, na *Internet*, aos estudos, que são públicos, eles também têm. E? Perceberam o tamanho do problema? Já existe a documentação, já existe o estudo mostrando toda esta problemática que nós estamos falando. Agora, espera-se o que?

E o que estou falando serve para tudo, *OK*? Mas, espera-se o que? Que as pessoas, por si só, por livre e espontânea vontade e geração espontânea, entrem no *Google* e digitem lá “mudanças climáticas” e ficarão estudando e tomarão alguma medida, agirão, para pelo menos conscientizar os outros de que a rã está começando a esquentar? Sabe quando vai acontecer isso, se depender que as pessoas farão esse tipo de pesquisa? É capaz que, agora, quando chegar de noite, vocês chegarão em casa e, lógico, vão pesquisar no *Google*, porque o Hélio falou. Então, tem cento e setenta aqui, mas tem sete bilhões, e os sete bilhões “nem aí”.

E o pior é que se fica com a ideia de que, se ela (*indica pessoa da plateia*) fizer alguma coisa na vida prática dela, tipo andar menos cinco quilômetros de carro e, não emitir, o dióxido, cinco quilometrosinhos, e ela (*outra pessoa da plateia*), também, diminuir três quilômetros; e ela

(*terceira pessoa da plateia*) diminuir oito quilômetros, que vai mudar alguma coisa.

Percebem como é o negócio? As pessoas têm essa ideia. E não sabem que a grande poluição é institucional. Pessoas físicas não conseguem modificar, individualmente, o tamanho do problema. E, o problema é cultural, porque para você mudar o todo dessa história depende de cultura. Praticamente não tem saída. Por quê? Quem no Ocidente considera que culturalmente não tem saída? Quem acha isso, se o modelo está sendo copiado no mundo inteiro? O modelo do Ocidente está sendo copiado no mundo inteiro. E não “cai à ficha” que isso é suicida, entenderam? Planetário, em termos planetários. Não “cai a ficha”.

Se há meia-dúzia de países que atingiram um grau de riqueza “X” é porque esta meia-dúzia, ela dizimou o resto, tomou os recursos do resto, criou uma Revolução Industrial e poluiu tudo o que podia, o máximo possível, para gerar a riqueza que tem hoje.

Esse foi o método usado: pegar um cobertor com varíola, o vírus, e doar o cobertor para os nativos indígenas americanos. Foi assim que foi feito. Como é que você dizima aqueles milhões e milhões e milhões que tinha na América do Norte? Doa o cobertor para os índios, indígenas, com varíola. Pronto. “Bingo!”, “limpou” a América. Foi assim que foi feito, entre outras coisinhas. Então, como é que esse sujeito que doou o cobertor, agora ele está reencarnado e ele quer que tudo “corra às mil maravilhas” para ele, com um débito desses?

Você tem trezentos milhões de americanos com as casas, carros, apartamentos, vários carros, várias casas etc. É o padrão, é o modelo. O mundo inteiro olha aquilo e diz: “Eu também quero”, certo? “Também quero”. Lembra-se dos pedidos? Casa, carro, apartamento, “Também quero”. Aí, os chineses, com um bilhão e trezentos, falam: “Nós também queremos”. E os indianos, com um bilhão e meio: “Nós também queremos”. Por que não?

O que tem que fazer? Duplicar a modelagem. Faz igualzinho. É só polui, polui, fabrica, sem parar. Já está dando para vocês olharem, na televisão, quando passa, um noticiário da China, só fumacinha? O ar está dezenove vezes acima do limite suportável pelo ser humano; dezenove vezes. Não “cai à ficha” que é literalmente impossível, adotar o

padrão de vida americano, de trezentos milhões, e expandir para sete bilhões? Não existe recurso no planeta para fazer isso. Isso é suicida, suicídio coletivo. Está galopante, a situação.

Agora, vocês já estão sentindo um pouco, na pele, aqui. Já mudaram as correntes de ar da alta atmosfera, entendeu? Então, já empurra para baixo a umidade, empurra para cima a umidade, entendeu? Não passa daquele ponto, acabou.

Eu estou contando isso para vocês verem um exemplo prático de dissonância cognitiva, que a pessoa está vendo, está sentindo na pele. Não tem chuva, mas está todo mundo achando que é só esse ano, e que daqui a pouco tudo normaliza.

Nesta sala, quantas pessoas têm interesse, leram, pesquisaram sobre o problema climático? Quantas?

Quantas pessoas já tinham chegado à conclusão que isto é irreversível? E o que está sendo feito para transmitir isso para as demais pessoas? Pois é. Isso que tinha que publicar no *Facebook*. Isso é que tinha que ter no *blog*. Porque se a população do mundo se conscientizasse do problema há uma chance de poder conviver com a situação. Mas a mudança precisa ser cultural. Não é uma pessoa cortar “uma coisinha”, o outro cortar “outra coisinha”, e assim sucessivamente. Não vai adiantar nada, porque institucionalmente, em termos macro, a emissão do dióxido não para nunca.

A China cria termoelétricas toda semana, sem parar, novas, novas, “põe no ar”, novas. Uma, outra, outra, outra, sem parar, sem parar. Porque precisa crescer, crescer, crescer, copiando o outro. E como que essa necessidade insaciável de energia elétrica pode ser suprida? Como? Com termoelétrica. Queima carvão, sem parar. Uma, toda semana. Precisa de novas termoelétricas em funcionamento. Aí, o arzinho, lá, é o que vocês estão vendo.

Então, essa cultura não pode ser transferida para o resto do mundo porque não tem como o resto do mundo sobreviver. Perceberam? Aquilo é um caso único, que só foi possível chegar naquele grau de industrialização, riqueza etc., utilizando recurso de outros povos. Vou usar outra terminologia: capitalizando. Pega a mais-valia de quantos milhões de negros escravos, durante três, quatro séculos? Pegue a mais-

valia deles e calcula para vocês verem quanto que dá, na sua poupança, lá.

Coloque os escravos trabalhando, dia e noite, o seu custo é praticamente zero, porque assim que morrer um põe outro no lugar – morreu, outro, morreu, outro, não é assim? – porque, aparentemente, tem um abastecimento infinito, é só mandar o navio na África, arrebanhar todo mundo e trazer. Os que não morreram no meio do caminho coloquem, lá. Morrerão, mais, mais, mais, até acabar a África. Até acabar, quando acabar, acabou.

Quem era trazido? A elite, o mais forte, o mais inteligente. Não é isso? É um sujeito bem forte que vai trabalhar na lavoura. Ninguém foi, lá, na África pegar as criancinhas, os inválidos, os... Pegava-se a elite da população. Agora, você tira a elite de uma sociedade, o que sobra? Você terá o caos. E está lá o caos, até hoje. Quinhentos anos depois é aquilo lá. Aí você tem Ruanda, Uganda, Darfur. E..., e...?

Como que fica esse vaso chinês? O que se passa na África hoje é de responsabilidade dos ocidentais, dos europeus, do povo da América do Norte, brasileiros etc., que foram lá e destruíram todo mundo. Então, o que está acontecendo, lá, hoje está na conta de todo mundo que se beneficiou com a mão-de-obra escrava.

Agora, calculem... Sabem o que é mais-valia, não é? Ela (*exemplifica com Plateia*) trabalha para mim, e eu pago R\$600,00 (seiscentos reais) a ela. Ela me rende R\$5.000,00 (cinco mil reais). Perceberam? R\$4.400,00 são meus. Isso se chama mais-valia. E se ela nem ganhar os R\$600,00 (seiscentos reais)? Eu fico com R\$5.000,00 (cinco mil reais). Coloquem todos esses escravos, milhões, milhões e milhões, durante quatro séculos, quanto totaliza essa conta? Agora, coloquem isso no banco.

Entenderam como é que se constrói a fortuna? Ponham isso numa aplicação financeira. *Wall Street*. Hoje existe tudo aquilo e de onde saiu o dinheiro? Uma grande parte da mais-valia dos negros escravos. Então, é assim que se constrói uma mais-valia desse tamanho.

E agora? Agora vai se estender isso para o planeta inteiro? De que jeito? De que jeito se pode fazer isso? É impossível, literalmente. Existe um limite, além do qual tudo se desestrutura completamente.

Essa falta de água é o primeiro sinal que está se sentindo aqui, mas em Chicago fez 40 °C (*quarenta graus*) abaixo de zero; 40 °C negativos. Portanto, esse tipo de distorção é global. Já está acontecendo, globalmente. Agora, você precisa pesquisar; ir atrás para ver os dados. Se não tiver olhos para isso, você acha que..., não é? É como o garoto de vinte anos que acha que os peixinhos sempre foram assim. Estão quase acabando e ele não notou diferença nenhuma.

E o problema da África – ainda há mais um pouquinho...

Estamos na questão “casa, carro, apartamento”. Por que está demorando a conseguir, hein? Estou contando para vocês repensarem, repensarem o vasinho chinês, que custa caro.

Hoje em dia temos a comunidade europeia, aquela miséria mais além, e a África para baixo. Bem, e aí? Não há nada na África. Que vão fazer os africanos? “Vamos para lá, para onde há comida.” Então, começam a subir para atravessar o Mediterrâneo. Assistiram ao filme: “Capitão Phillips” (2013)? Assistiram? Incluam na lista, também, para assistirem: “Capitão Phillips”.

Quando está no barquinho com o chefe dos sequestradores, dos piratas, o capitão fala para ele: “Meu amigo, será que não existe um jeito de você poder ganhar a vida sem ser pirata?” O que ele responde? “Na Somália, não.” Aquilo é o retrato da Somália. Esse chefe vai para a praia e encontra aquela fila de gente desesperada para trabalhar. Ele escolhe: “Você, você e você”, para trabalhar de pirata, porque é o trabalho que há.

Agora, pensem o seguinte: o que os somalis imaginam para o futuro? O que eles...? “Vamos atravessar o Mediterrâneo.” E o povo do Marrocos? “Vamos atravessar o Mediterrâneo.” E o da Líbia? A mesma coisa. E o subsaariano? A mesma coisa. Milhões e milhões. Bem, aí os europeus viram o jogo, porque chegam barquinhos todo dia. Então pegam o povo do barquinho e repatriam. Isto é, pegam todo aquele povo, jogam de novo na África. E o povo do local, da fronteira, pegam e jogam no deserto, para lá da cerca. De vez em quando... Todo dia chegam cadáveres boiando nas praias da Europa – Itália, Espanha, Portugal – sem parar. De vez em quando... O número é grande, não é mesmo? Porque o povo vão nos barquinhos do jeito que der e atravessa. Se

morrer afogado, morreu... E os que conseguem atravessar são devolvidos. Então, criou-se uma polícia de fronteira, que tem barcos, aviões, helicópteros, um mini, mini – no momento – é um miniexército, que fecha toda a fronteira da comunidade europeia, para não entrar ninguém do “Terceiro Mundo”.

Na fronteira dos Estados Unidos com México, também há uma barreira. Estão construindo, agora, uma cerca de três mil quilômetros, se não me engano, enorme, com toda aparelhagem eletrônica, “pá-pá-pá-pá-pá-pá”, para que ninguém do “Terceiro Mundo” consiga atravessar. Todo ano morrem uns mil e duzentos, ali no Arizona, que tentam, vão pelo deserto e pronto. Morrem de sede, de fome, de frio, qualquer coisa, ou então morrem baleados. Se vocês entrarem hoje na *internet*, verão que, numa ilha lá da Espanha, chegaram setecentos, e foram mandados de volta. Isso acontece todo dia. Raramente é noticiado, mas hoje foi. Não se fica sabendo, a não ser que se pesquise o assunto.

Vocês conseguem enxergar o tamanho do problema? Vai-se à África, dizima-se a população, destrói-se a estrutura social existente, usa-se toda essa riqueza. Porque, e a riqueza terrestre? Assistiram ao filme: “Diamante de Sangue” (2006)? Marquem esse também. Depois que tudo foi espoliado, que o povo não tem a menor possibilidade de sobrevivência, cria-se uma fronteira, cria-se um organismo para proteger a fronteira, para que ninguém passe. No momento, está em torno de milhares que querem passar, todo dia. Estão levantando cercas impossíveis de escalar. Existe uma terminologia própria deles, para isso. Deve ser uma cerca em que se escorrega, então se não consegue...

Mas outro dia houve um episódio interessante: parece que oitocentos avançaram numa cerca e queriam passar, ao mesmo tempo, num pedacinho de cerca, oitocentos. Assistiram ao filme: “Querra Mundial Z”, com Brad Pitt (2013)? Zumbi, “*Walking Dead*”? Assistiram ao “*Walking Dead*”, em que havia uma cerca em volta da prisão e o povo tentando passar? Literalmente, a mesma coisa. Aquilo que acontece em “*Walking Dead*”, com o povo tentando ultrapassar, derrubar, subir na cerca, para conseguir comida do outro lado, é o que acontece com os africanos tentando entrar na Europa. Uma cerca e oitocentos tentando derrubar a cerca. É filme? É filme?

George Romero, o pai dos filmes de zumbis, conhece a humanidade “na palma da mão”. Todos esses filmes e seriados são metafóricos. Ele faz isso para ver se a “ficha cai”. São zumbis.

Agora, se houver um comando: “Acorde, acorde. Um, dois, três: Acorde”. Vamos supor que vocês acordaram e lá estão os marroquinos desesperados para atravessar a cerca. O que se faz? Aqui no Brasil vocês podem ter uma ideia, não é mesmo? Ter uma opinião *x*. Mas se essa palestra fosse feita na Espanha, na Itália, na França, na Alemanha, hum... Mas estamos falando dos africanos. O Oceano Atlântico está no meio, é grande. Se não conseguem passar o Mediterrâneo, tendo que passar o Atlântico é que não chegam aqui. Mas há outro problema. E os bolivianos? Essas migrações caóticas acontecerão pelo planeta inteiro, em massa, de milhões, milhões e milhões e milhões, ao mesmo tempo.

Esse é o vaso chinês – um pedaço dele, um pedacinho. Vocês já sabem o término do filme, certo? Se não houver nenhuma mudança cultural, todos esses “invasores” serão exterminados, metralhados, envenenados etc., etc. Já estão criando “campos de acolhimento”, na África, na África, para que eles não passem para a Europa. Já serão presos e ficarão nesse campo, quietinhos, para não tentarem atravessar o Mediterrâneo.

Como essas pessoas têm coragem de fazer algo assim, e fala-se tanto dos campos de concentração de quarenta, cinquenta anos atrás, na Segunda Guerra? Como, como? E isso está aí, em pleno andamento. Vão ser criados esses campos em toda a fronteira da África e pronto, acabou. Põe-se o povo lá e eles ficarão presos, até que consigam escapar, e então conseguem... E assim vai. Só que é possível haver campos de que tamanho? Vocês viram no filme: “Diamante de Sangue” o tamanho? Lembrem-se do tamanho daquele campo de refugiados que aparece no filme, em que há dois milhões de pessoas? Quantos refugiados existem no campo da Jordânia, da Síria? Quantos já existem hoje? Milhões. E um franco-atirador atira nas costas de uma menina de quatro anos de idade, com uma bala de fuzil. Um franco-atirador, com mira telescópica. Alvo militar: uma criança de quatro anos de idade, pelas costas. *Ad infinitum*, certo? *Ad infinitum*. Estou só dando um en passant, certo?

Agora, esse vasinho estilhaça, estilhaça, estilhaça, estilhaça. O vasinho da humanidade... Isso precisa ter um limite, forçosamente.

Agora, como isso pode acontecer neste planeta, desde o seu início? Como que pode acontecer algo assim? Como o povo de um país pode explorar o outro, o máximo possível, e depois criar uma cerca para que eles morram de fome lá, sem nos perturbar? Qual é o sistema de crenças que rege uma ação dessas?

Até hoje a humanidade cultua quantos deuses diferentes? (*Muitos*). No seriado que falei antes, na cena do bosque em que fazem o ritual, o boneco, a estátua, tem o formato do Moloch, Moloch. Não é mera coincidência o roteirista ter posto isso no seriado. Ele está tentando passar uma mensagem para os espectadores. É como se falasse: “Gente, acordem, vejam se ‘cai à ficha’.” Certo? “O culto de Moloch continua até hoje, com sacrifícios humanos contínuos. Será que vocês não abrem os olhos?”

Criar uma cerca e determinar: “Vocês para lá”. Criar um campo de concentração e mandar “Vocês ficam quietinhos aí e nós aqui”. É algo que só pode acontecer quando o conceito, a existência da Centelha Divina, não é aceito, ou nem se sabe que existe. Toda a problemática está nisso e a filosofia ocidental prega que não existe a Centelha Divina. Podem começar a ler os filósofos. Não existe a Centelha Divina, isto é, o Todo não está dentro de cada pessoa, não está. O Todo é um sujeito lá longe...

– É separado.

– É. Separado disto aqui. Portanto, podemos fazer o que quisermos com os africanos, por exemplo, certo? Pode-se ir lá, caçar os africanos, transformar em escravos, fazer tudo aquilo com eles. Lembram que havia uma discussão teológica de que eles não tinham alma? Lembram-se disso? É. É lógico que fosse necessário haver uma discussão dessas. Sendo considerado que os negros tinham alma, como poderia fazer o que fizeram com eles? Então, eles tinham que ser sem alma, certo? Era preciso haver uma teologia em que se falasse: “Não, não. Eles não são humanos. São animais”. Pronto, eles não têm alma, então não há problema nenhum, teológico, em tratá-los dessa forma. É como se fosse com um cachorro, um boi, uma vaca, um porco. Usou, joga-se fora. A mesma coisa aconteceu com os nossos índios brasileiros, igualzinho. Se

você ler aquela carta que o Chefe Seattle escreveu para os brancos, na América do Norte, verá que ele já tinha entendido O Todo. Como se compara uma coisa com a outra? Como é que se classificam essas duas culturas? Vocês já imaginaram: a cultura desse chefe indígena com a cultura do branco exterminando tudo? A cultura dos indígenas está quanto? Milhões de anos mais evoluídos. É lógico. Então, o que se faz? Exterminam todos.

– Gerônimo.

– Não, o Chefe Seattle, não foi Gerônimo. Gerônimo foi caçado de todas as formas, para se ter o troféu, também. Tinha quinhentas nações na América.

E agora, chegamos ao ano da graça de 2014, e há mais cercas, mais cercas. Vamos deixá-los que morram bem longe. Mas o nosso lado, aqui, também tem a fronteira cheia de gente, também, entenderam? Semana passada saiu na *internet* à notícia de que havia “não sei quem” comercializando uns bolivianos. Vendia a mil reais por cabeça, para eles trabalharem. Pega daqui, coloca em uma indústria ‘não sei de onde’, leva lá e... “Baratinho”. O “cara” estava vendendo “não sei quantos” bolivianos, a mil reais a cabeça. Pensam que escravo acabou? Continua havendo, e milhões, hein? Milhões pelo mundo afora.

Tudo isso por causa do não reconhecimento da Centelha. Então, o problema, na verdade, é muito simples. Hum... E extremamente difícil de resolver...

Três mil e trezentos anos atrás uma pessoa falou: “Gente, monoteísmo, monoteísmo. Resolve-se tudo. O Todo”. Que aconteceu? Mataram todo mundo e apagaram, riscaram tudo o que foi possível tirar da História documentada, como se não existisse. É um interregno – “daqui” até “aqui” (*num determinado período*), nada. E uma das coisas que ele fez foi o quê? Abolir a escravidão. Três mil e trezentos anos atrás. Os brasileiros fizeram isso, à força, há cento e trinta anos, depois que os ingleses falaram: “Nós vamos bombardear os navios, hein?” Aí, pararam. Leiam a História da Escravidão. À força. Quem quer largar a mais-valia gratuita? Três mil e trezentos anos atrás – dá para ter uma ideia do que significa isso? Algo que precisou de uma guerra, para

morrerem quantos? Um milhão de americanos, em 1865. Cem anos atrás... E ele fez isso há três mil e trezentos anos. Quanto durou? Quatorze anos, depois acabou. Eliminou-se, fim. Quatorze anos, chega. É um problema, é ruim para os negócios, certo?

Então, o problema persiste. A única solução é que se aceite a existência do Todo e, por decorrência, da Centelha e, por decorrência, da iluminação espiritual. É a única solução que existe. Mas, e então? Vocês já viram quantos nomes existem, pelo planeta afora? Por que não se pode aceitar que existe um, um, A Fonte, O Único, O Todo? É o meu deus contra o seu deus.

Lembram que há até uma oração que fala isso? “Que cada um eleve o seu coração ao *seu* poder superior.” Isso está mais do que sacramentado, cultural e ideologicamente. Entenderam o tamanho do problema? Porque é esse tipo de raciocínio que leva a que se possa fazer isso com os africanos. Não há outro. “Eles têm a religião deles ou o deus deles e nós, o nosso, e não temos nada a ver com isso”. Ou isso não entra em consideração, é “jogado para debaixo do tapete” e quem está fazendo isso não está “nem aí”? Certo? Também pode ser.

Mas também não sei para que serve essa crença, certo? Porque, se o problema é visto unicamente assim: “Ai, os africanos querem comer e não vamos dar comida para eles.” Se o problema é puramente territorial, reptiliano, não é? “Vamos defender o nosso território aqui e ninguém chega, e que eles morram de fome, quietinhos, do lado de lá.” Então é puro negócio, é puro negócio, é puro poder. Então, não há nenhuma conotação espiritual, religiosa, coisa nenhuma envolvida nisso, é só controle de território. “Eles são subgente. Que morram por lá.” Mas, então, como é que ficam as nossas crenças? Como é que ficam? Entenderam o que são “linhas básicas de transformação”? Como esse guarda de fronteira, na sexta, sábado ou domingo, vai a qualquer culto que seja? Como? E, de segunda a sexta, ele ordena aos africanos: “Para lá, morram de fome para lá” ou “Morra afogado aí. Aqui, não passa”. Perceberam? Este é o problema, “o” problema com que a humanidade inteira precisará se defrontar daqui a um tempinho, daqui a um tempinho, porque isso ocorrerá no mundo inteiro. No mundo inteiro. Porque esse tipo de exponenciação econômico-financeira que está em

curso é simplesmente impossível, simplesmente impossível, de dar certo para os sete bilhões.

Agora, se os chineses estão olhando isso de uma forma geoestratégica, aí é outra história. É outra história, não é? Podem estar planejando: “Não, nós vamos crescer o máximo que pudermos, vamos nos industrializar etc., vamos pôr nave em órbita, astronauta em órbita, tudo e ‘nã-nã-nã’ e vamos, o mais depressa possível, consumir 50% do cimento do mundo.” Só eles consomem, compram 50% da produção de cimento do mundo, porque seu crescimento é frenético. Trem-bala, por exemplo, se não me engano, estão construindo trinta e duas linhas ao mesmo tempo, ao mesmo tempo. O nosso, aqui...

– (risos).

– ... está no projeto.

– E faz tempo.

– Trinta e duas. Trinta e duas linhas de trem-bala, ao mesmo tempo. Então, aquilo é frenético. Ninguém pode olhar uma produção dessas e achar normal. Achar que é só desenvolvimento econômico. É preciso olhar um pouquinho a mais, “levantar o tapete” um pouquinho. Isso é geoestratégico, perceberam? É praticamente uma guerra fria. Entenderam? Você cresce, cresce, cresce, cresce, cresce, forma n vezes mais engenheiros e matemáticos que o outro, sem parar. Ninguém estuda Matemática num dos países e no outro, o estudo é maciço. Entenderam? Então, diante de uma estratégia de governo dessas, em que só se percebe olhando o macro das ações, você fala: “Espere um pouco. Há algo atrás dessa história”, aqui, no topo, andando.

Vocês assistiram ao filme: “Grande Demais para Quebrar”, sobre a quebra do *Lehman* em 2009? Alguém aqui assistiu? Dois. Não percam. Numa cena, o secretário do Tesouro americano vai à China, e está “batendo um papo” – vocês sabem, dizem que os americanos têm dois trilhões de dólares do Tesouro nas mãos dos chineses – o ministro chinês diz: “Os russos nos ligaram propondo lançarmos, juntos, tudo isso no mercado, e então quebraríamos vocês, *the end*. Mas nós não

‘topamos’.” Com o que a China tem de títulos do Tesouro americano nas mãos, se puser à venda, está tudo acabado para os Estados Unidos.

Então, quem tem um poder desse tamanho nas mãos e está fazendo o que está fazendo, é porque quer vencer por outros meios. Atrás desse crescimento frenético há outra história, que é salvar o lado deles e deixar o resto do planeta se danar. Entenderam? Porque esse nível de consumo de recursos não é possível exportar para outro lugar. Se os indianos quiserem fazer a mesma coisa é impossível, certo? Os indianos vão querer, também, 50% do cimento? Aí se acaba, não é?, 100%. Quanto os indianos vão querer de cimento? Não haverá cimento para mais ninguém. Perceberam? Então, esse modelo não funciona. Só continua da maneira como está hoje, porque, na verdade, é uma guerra não-declarada, certo? O país vai crescer, crescer, crescer, já sabe que vai estourar tudo, que vai ocorrer todo esse problema climático. E quando acontecer tudo isso, vão dizer: “O nosso está feito” e o resto, o resto...

Agora, qual é a ideologia? Materialista. Está bem. Então, estão olhando só aqui, agora.

Lembram-se do que falei sobre os pescadores mais jovens? Aqui e agora, e... Só que o problema, para nós, persiste. O problema, para nós, persiste – nós, da cerca. Assistiram ao filme “*Margin Call*”, “*Margin Call – O Dia Antes do Fim*” (2011), que é um filme sobre a quebra do *Lehman*? Marquem esse também. “*Margin Call*”. Esses filmes foram feitos para que as pessoas possam entender como funciona o sistema, literalmente, sem “panos quentes”, de modo “nu e cru”, como o negócio funciona. E há outro filme: “*Os Últimos Dias do Lehman*”. São três filmes. “*Os Últimos Dias do Lehman*” conta a mesma coisa em outro ângulo e você identifica outras informações. Há mais, mas esses três são suficientes.

Se vocês prestarem atenção, no final do “*Margin Call*”, na conversa que o presidente do banco de investimentos tem com o seu funcionário, entenderão que é daquela forma que se pensa. Ele fala: “Sempre foi assim: existimos nós – um percentual pequeno – e existem eles”. Hoje, a população é muito grande, mas o percentual não muda. Então, dão o golpe, vendem os títulos podres para todo mundo e continuam. Quantas pessoas assistiram a esses filmes?

Entenderam? Conta-se nos dedos.

E a “festa” continua. É assim que o “*Titanic*” vai indo, vai indo, vai indo, vai indo. O filme: “O Lobo de *Wall Street*” (2013), cinco semanas em cartaz, cinco. Quem assiste? Quem foi assistir, no cinema? É sobre um presidente de corretora de uma seguradora grande – não é brasileiro. Um presidente de seguradora daqui foi ver o filme para verificar como o outro trabalhava. Um dia ou dois depois, aconteceu o Congresso Anual da Seguradora e ele disse: “Nós, a empresa, fazemos a mesma coisa. Preço baixo e grandes comissões.” “O Lobo” foi citado como exemplo, hoje, em 2014. Só que “O Lobo” trabalhou em oitenta e poucos, hein? Se compararem – leiam o livro – o que ele fez, a vida dele, em oitenta e poucos, com 2009, com o “*Margin Call*”, com “Grande Demais para Quebrar”, vocês falarão: “Espere um pouco. Esse ‘lobo’ tem algo errado, porque em oitenta e poucos era ‘lobo’. Agora, em 2009, é ‘lulu de madame’.” Ganhou US\$30 milhões. Ele conta no livro, todos os detalhes técnicos. No filme, jamais, certo? Pelo menos fizeram o filme, mas é no livro que há o detalhamento de como fazer. É um filme difícil de assistir, porque é “nu e cru”, mostra a realidade dos negócios. O Martin Scorsese fez para mostrar, chocar. Está bem.

Agora, se você assiste ao “*Margin Call*”, há uma conversa entre corretores, no topo de um prédio, e um deles pergunta: “Como é que você gasta o seu dinheiro?” O outro responde: “Gastei US\$76 mil em prostitutas.” Pronto. Só mostra essa conversa, entenderam? Mas, em “O Lobo”, aparece como ele gasta o dinheiro com as prostitutas. E, no “*Margin Call*”, o garoto só cita que gastou US\$76 mil naquele ano.

No dvd “Trabalho Interno”, do livro: “O Sequestro da América”, lembram que o rapaz começa a contar? Ele entrevista uma das chefes das prostitutas que atendem em *Wall Street*. Ela diz: “Temos clientela sem parar. *Top*.” Ele não vai mostrar as cenas no “Trabalho Interno”, mas foi ao local e pesquisou. “Está aqui.” Entenderam? Quem tem olhos, veja.

Agora, o Scorsese fez diferente: “Não, vamos mostrar. Mesmo quem não tem olho, vai enxergar. Coloca lá.” Arrepiam. Mas essa é a realidade. Por isso que é “moleza” trabalhar lá, em *Wall Street* – dissonância cognitiva.

Vocês se lembram de quando o “lobo” vai a uma “firminha” e eles falam em “50% de comissão”? Ele acha: “Pelo amor de Deus! Estou

rico!”. Ele telefona para um cliente e fala: “Nossa! Há uma empresa aqui, uma ação extraordinária! Empresa de alta tecnologia. Isso vai valer uma fortuna!” E enquanto isso o filme vai mostrando o que é a empresa - uma porta. E o povo pondo dinheiro... Mil corretores, mil.

Agora, quem questiona isso? Perceberam? Então, existe “lobo 1”, “lobo 2”, “lobo 3”, “lobo 158”, “lobo 700”, “lobo 5800”, um atrás do outro. No final do “Margin Call”, numa conversa, o CEO dá uma lista, desde trezentos anos atrás, de todas as crises - as “bolhas”, todas. Ele demonstra as datas: data, data, data, data, data até 2009. Criam a “bolha”, estouram, tomam tudo. Criam a “bolha”, estouram, tomam tudo; criam a “bolha”..., outra, outra, outra, outra, outra, outra. E ninguém aprende? Não “cai a ficha”?

As pessoas esquecem o que perderam na “bolha” anterior, e começa tudo de novo. Basta passar dois, três, quatro anos, e vem outra. Nessa foram vinte e cinco anos de “bolha”, vinte e cinco. Não estão sentindo nada ainda porque foram comprados US\$4 trilhões de ativos tóxicos; o *FED* comprou. Quer dizer, está lá guardado, um ativo podre. Está “guardadinho”. Mas o *FED* pôs dinheiro em quem comprou; quem fez o negócio com o ativo tóxico podre, US\$4,6 trilhões. Por isso que está tudo “estável”. “Estável”. E todo mês compra mais; comprava \$80, passou a \$75, agora está em \$65. Um mês atrás parou de fabricar dinheiro, US\$10 bilhões. Houve uma oscilada aqui – vocês perceberam? Dólar, câmbio, houve uma “osciladazinha”. Essa “osciladazinha” é em consequência desses US\$10 bilhões a menos que estão fabricando. Agora, por quanto tempo é possível fabricar dinheiro sem problema? E...? Alguém se manifesta, acontece alguma coisa, fala-se alguma coisa, movimenta-se alguma coisa fora dos sites econômicos? Nada.

Numa conversa com uma conhecida minha, ela disse: “Eu e meu noivo compramos um apartamento. Vamos casar daqui a ‘não sei quanto’ tempo e compramos um apartamento. Está em construção.” “Vocês podem pagar o apartamento?” “Não.” “Vocês têm renda?” “Não. Mas estamos pagando as parcelas, na construção.” “Você, por acaso, sabe que há uma ‘bolha’ andando? Imobiliária, no Brasil, França, Alemanha. Sabe?” “Não” “Hum... E se não vender, daqui a três anos?” “Ih, aí a gente perde tudo.”. Eu fiz a perguntinha: “Você já ouviu falar de 1929?” “Não. O que é isso?”

– (risos).

– A pessoa está comprando um apartamento, está pagando, não tem renda para sustentar essa coisa – isso é “bolha” – e nem sabe que existiu algo como a crise de 1929. Nunca ouviu falar disso. Primeira Guerra Mundial, 1929, Segunda Guerra Mundial, Guerra do Vietnã... Escutem, se a pessoa nos dias de hoje não sabe isso do século XX, onde está vivendo? Lembram? Dissonância cognitiva.

O pescadorzinho de vinte anos que nem “saca” que duzentas espécies já sumiram, nem sabe, que existiu 29. E 29 foi uma “bolha”, uma “bolha” desenvolvida por dez, quinze anos. Uma “bolha”, foi uma “bolha”, igualzinha às de agora, só que foram... Vão fabricando, vão, e o povo vai comprando, comprando, com a intenção: “Eu vendo e compro mais, vendo e compro mais, vendo e compro mais”, e assim vai. “Compro a casa, vendo, tenho lucro e passo pra frente. Compro outra, mais cara ainda, e passo pra frente.” Até que...? Até que não haja ninguém para comprar, porque é uma corrente, é uma pirâmide – chega lá na ponta, ninguém compra. E aí? Acabou. Só que ela está colocando dinheiro...

Eu disse: “Você não viu, aí na frente, uma faixa sobre um prédio em construção, que diz ‘Unidades a Venda – 30% de desconto’? Você não viu isso?” “Não, não vi”.

O que significa essa faixa com 30% de desconto? Que o apartamento, ali, vale 30% menos, certo? O apartamento está novo, para entregar, com 30% de desconto. Esse já é o desconto da “bolha”. Agora, é quem comprou? Quem comprou feliz da vida, pagou e, no dia seguinte, sai para trabalhar e vê a faixa “30% de desconto” – o apartamento dele vale 30% menos. Ele comprou e tem que pagar. Agora, como podem acontecer essas coisas? Podem acontecer por isso, porque a moça não sabe que existiu: 1929, nem 2009, é lógico, e nem o *Lehman*, nem o *Brothers*, e não viu nenhum desses filmes, nem ouviu falar desse negócio; o *FED*, então, deve ser algo que cheira mal...

– (risos).

– Outra questão. Eu deveria ter falado para a moça que existiu 29 ou não? Pois é. Esse é outro problema. Vocês já sabem, não é? Haverá várias pessoas achando que eu não deveria ter falado para a moça sobre 29. É o que vai acontecer. É que não sabem disso, ainda. É. Porque é preciso manter tudo, o *status quo*, e deixar as “bolhas” correrem à solta. Só que essa de 2009 é incomensurável; o planeta é a “bolha”, o planeta inteiro.

Quando a Ministra francesa liga para o secretário do Tesouro, o que ela fala? Os bancos estão todos expostos a isso, porque todos participaram da “bolha”, emprestando para quem não tem como pagar.

O que é uma “bolha”? É a pessoa que compra algo que não pode pagar, achando que depois vai passar para frente e ter um lucro em cima, que é o caso dessa moça. “Vamos pagar o apartamento e depois a gente passa para frente”. Mas, se não passar para frente e for fazer o financiamento. Como faz quando o banco solicitar: “Necessário ‘tanto’ de renda para comprovar aqui e poder financiar o apartamento”? E aí? Aí, o que está lá, escrito na letrinha miúda, no contrato, sobre o que já pagou? Pois imaginem isso feito aos milhões, milhões e milhões, no mundo. Por enquanto não acontece coisa nenhuma, está indolor, por causa dos US\$4 trilhões que compraram, quer dizer, fabricaram para bancar o passivo, certo? Porque você não recebe mais nada e fica aquele passivo no seu balanço; na hora que você consolidar isso, o banco está quebrado.

Assim, é preciso fazer o quê? Fabricar dinheiro, dar para o banco, “emprestar”. E você fica com todo o ativo tóxico para si, US\$4 trilhões. Agora, lembrem que, por US\$10 bilhões, a “ondinha” fez “assim” (*oscilou*) há um tempinho, duas, três, semanas atrás, hein? US\$10 bilhões. E, lá, no poço há US\$4 trilhões. Pois é.

O mesmo problema de desconhecimento ocorre em relação à Centelha. Perguntem se acreditam na Centelha Divina, se sabem que cada um tem um pedaço do Todo dentro de si, cada um? Então, o problema...

Pode-se analisar todos os problemas que existem hoje no planeta Terra. Estudar, estudar, estudar, estudar e chega-se a um denominador comum sobre por que todos eles podem acontecer. Por causa disso: porque não existe o monoteísmo. É muito simples, entenderam? Quantos

deuses existem? “Um monte”? É simples de raciocinar sobre esse assunto. Existe “um monte”, então não existe um único. Isso cria um problema teológico complicadíssimo, porque qual deles fez o *Big Bang* para criar esse Universo? E há outro que está tentando desfazer esse Universo, de igual para igual? Então, não existe um Todo-poderoso? Há um “monte”, se digladiando? E, enquanto eles brigam, estão nascendo criancinhas sem perna, sem braço, tomando tiro nas costas com quatro anos de idade etc., etc., etc.

Essa questão é prioritária. Precisa ser equacionado na cabeça de cada um de vocês. Se não resolvem isso, nada mais pode ser resolvido, nada mais. Não é possível ter casa, carro, apartamento, se não se equacionar isso. Por quê? Porque o seu relacionamento é direto com Ele. Entenderam o tamanho do problema? Isso é um fato, um fato, certo? Existe o Todo-poderoso, existe a Centelha e o seu problema, ou o seu relacionamento, é com Ele. É com Ele que você necessita tratar sobre o tamanho do cheque do vaso chinês. Não é com... Você vai precisar... Ou, então, continue ignorando e aumentando o tamanho do cheque do vaso, porque vai, vai, vai, vai, vai...

Agora, vocês já sabem a situação não é assim. Você nasceu com cabeça, tronco e membros, perfeito, está tudo certo. Aí você apronta, apronta, apronta, apronta e, na próxima vez, você continua: “Ai, não, eu quero nascer na Suíça”. Pronto, você nasce na Suíça perfeita. Apronta, apronta, apronta, apronta, faz umas “bolhas” lá, e aí?

Não é assim que funciona. Existe um campo eletromagnético. A cada vez agrega, agrega, vai distorcendo a energia do seu perispírito – para usar uma linguagem que vocês possam entender – e, quando você nasce, já vem com uma disfunçõzinha aqui, outra ali, outra aqui, outra ali, entendeu? Porque energia é energia, está lá parado. Agregou a antimatéria, está lá parado. Então, na próxima vez, já vem uma coisa meio problemática. Não consertou, quer dizer, não pagou nem um pedacinho do vaso chinês, na próxima vez vem um pouquinho pior. E não é castigo, hein? Não é castigo. É um campo eletromagnético. E assim vai. Vai perdendo a forma – “cabeça, tronco e membros”, forma: humano – vai perdendo e regredindo na escala da evolução.

Sabem que o feto tem rabo, até quatro semanas, se não me engano? Então. Ele segue o caminho evolutivo. Aí, você volta, volta, volta. Nesse

meio do caminho, você foi o quê? Leão, lobo, elefante, girafa, serpente, seja o que for você volta. Segue o formato que está no seu inconsciente. Está gravado, nos sete corpos, sabiam? Todo mundo tem sete corpos. Esse arquivo está gravado num desses corpos. Assim, quando a pessoa nasce, cresce, vira feto, segue esse caminho. Ou, então, do “outro lado”, involui vai perdendo a forma, até virar um ovoide – um ovo, uma pasta, uma gelatina. Consciente, consciente, hein? A consciência não desaparece nunca, nunca. Vai perdendo a forma, consciente. Pois é.

Agora, quantas pessoas nesse planeta querem saber a verdade? Este é o problema, não é? Lembra-se da outra vez que eu vim aqui? Quanta verdade vocês estão dispostos a ouvir? Deve fazer uns três anos.

Quanta verdade vocês são capazes de ouvir? Porque o que estamos falando aqui é um leve *en passant*, um “rolezinho”, para ver se assimilam o assunto. Porque há muito, mas muito mais informação. O Universo não é uma brincadeira. É sério. Você fez, paga o vaso. É totalmente justo. Totalmente justo.

Aquele que trabalha, trabalha, trabalha, trabalha, trabalha, tem a recompensa. E aquele que destrói, destrói, destrói, sofre as consequências. Não há nada de castigo nessa história. É causa e efeito. Agora, todo mundo tem a intuição – porque tem a Centelha dentro de si – para saber e sentir que isso é a verdade. Intelectualmente, podem falar para vocês o que quiserem. Vocês podem ler aí fora, ou ouvir falar, que tudo isso que foi falado é bobagem, que não existe a Centelha e tudo o mais; tanto faz. Mas, lá no fundo, se vocês pararem para pensar, sentirão: “Eu sou. Eu sou. Eu sou”. Basta repetir isso em silêncio, numa meditação: “Eu sou. Eu sou” e ver se o *chakra* cardíaco não vai fazer “assim” (*pulsar*). É Ele pulsando, está bem? É a Centelha.

– Quando vamos tomando consciência de que isso está acontecendo e – não sei, pelo menos em mim – surge uma necessidade de tentar passar isso para frente, de tentar levar isso para consciência de todos, mostrar essa realidade. Mas, eu, senti uma barreira muito grande, as pessoas não recebem bem, não assimilam a informação. Então, existe uma forma, um método de se colocar isso, para que as pessoas assimilem?

– É livre-arbítrio, livre-arbítrio, livre.

– É preciso falar para vinte, para um aceitar?

– É assim. Vai semeando, semeando, semeando. Como essa contabilidade é cósmica, é eterna, não é numa vida que se vai resolver isso nem pagar o vaso chinês, entendeu? Mas você paga um pouco, depois outro pouquinho, pouquinho. Assim, vai iluminando, iluminando, iluminando, iluminando. Depois de ‘não sei quantas’ encarnações, você se ilumina.

Então, a questão é não agregar mais problema nesta encarnação, fazer alguma coisa para melhorar. Agora, a contabilidade é eterna. É preciso sempre pensar nessa questão: “Quero a casa, o carro, o apartamento, bois etc. Está demorando um pouco para aparecer isso”. Vamos supor que você está trabalhando, orando – ora, labora, trabalha – e ainda não aconteceu? Paciência. Agora vou usar uma palavra que os ocidentais: resignação.

É. Sem resignação, é difícil entender... É preciso ficar em paz, ter paciência, trabalhar, trabalhar, trabalhar, trabalhar, ajudar, ajudar, trabalhar, estudar, ajudar, trabalhar, estudar, ajudar, ajudar, trabalhar, trabalhar, trabalhar, ajudar... Quantas pessoas...

– Existe alguma maneira de pagarmos essa dívida?

– Fazer o bem. O que a pessoa fará para o Todo, para pagar o vaso? Se O Todo, O Todo não precisa de nada. O Todo é Tudo, você não tem o que fazer para o Todo. Você já está devendo só o fato de existir, certo?

– (*risos*).

– Lembram? Entra, debita; sai, credita. Entrou vida em você: você já está devendo, está bem? Aí, você estraga tudo. Então passa a dever mais. A única maneira de pagar isso é fazer o bem sem parar, na mais larga escala possível.

A regrinha é simples: quanto que se pede que vocês façam de bem? “Quanto eu devo fazer?” O máximo. Dissonância cognitiva: o que significa? Esse máximo já foi falado aqui. “Ah, esse máximo, será que são quatro horas por dia?”

– (risos).

– “Três horas por dia? Terça e quinta?”

– Das seis às nove.

– São vinte e quatro horas por dia, todos os “santos dias”, no limite das suas forças. Ponto. É só isso, só isso. Ainda não está exausto? Continue, continue. Está caindo? Sente-se por cinco minutos. Agora, continue. Respire um pouco.

Ora, gente. Assistam ao filme: “12 Anos de Escravidão”. Foi isso o que fizeram com eles. Os brancos não fizeram isso com os negros, até morrerem, caírem mortos de cansaço, de exaustão? Foi isso que foi feito. Agora, quando chega nossa vez, dizemos: “Não, sábado, não. Sábado e domingo não vai dar. Vamos...” Você começa a medir o que faz. Aí, o que acontece? As coisas param, não andam. Então...

Agora, venha cá. Quando a onda entra – e eu falo – quando a onda entra, há pessoas que “puxam o freio”. “Amigo, será que você não ‘puxou o freio’ para não entrar mais cliente nenhum no negócio, nada estar andando, não vender mais nada? Que será? Será que você não deu uma ‘pisadinha no freio’?” “Não, de jeito nenhum. Eu quero crescer, quero ganhar, quero fazer.” “É? Bom, então veremos”.

Quando eu pergunto: “Será que você não ‘puxou o freio’?” Entenderam o que significa o que estou perguntando, o que o Hélio está perguntando? Dissonância cognitiva. Porque isso não dá para explicar. Quando estou atendendo uma pessoa, tenho quinze minutos, meia hora, no máximo, para pegar os pedidos. Como é que se vai dar uma palestra de três horas para cada um? “Amigo, ‘freio’. Olhe, o ‘freio’ é ‘assim, assim, assim’.” Levo três horas explicando, e então, vem o próximo. Quantas pessoas é possível atender desse jeito? Então, é preciso fazer assim: falar para todo mundo. Existe o livro, *e-book*; deve-se estudar. Mas o que é o ‘freio’?

– Como faço para enxergar esse vaso quebrado?

– Não precisa enxergar, não precisa. Você não precisa saber, não precisa nada. Você só precisa trabalhar. É simples.

– Mas agora, no momento presente.

– Não precisa. Porque se souber que seu filho matou você numa das vezes passadas? Por que as pessoas não sabem? Não sabem, porque estão sendo protegidas, para que se possa solucionar. Porque, se souber que seu filho matou você, como é que vai tratar o filhinho? Sem saberem, as pessoas já pegam o filhinho, um bebezinho de seis meses, e levam à praia em Santos, em janeiro; levam à praia o bebezinho de seis meses, com aquela “pelezinha”, e ele volta “tostadinho”. E papai e mamãe falam: “Não, mas ele ficou no guarda-sol.” Entenderam? Ele foi tostado “inconscientemente”. Pois é. Só que na outra encarnação houve um probleminha entre esse filho e esse pai. Nessa vez: “Vamos à praia.” Levam o bebezinho. É assim que se faz, “inconscientemente”. Agora, imaginem se soubessem. Perceberam? É simples, é só olhar o inconsciente, é só olhar o sentimento que a pessoa tem.

Agora, como se trata esses africanos que querem comida, desesperados? Não seria possível lhes dar um apoio e fazer com que produzam, tenham terra, tenham apoio, para produzirem sua comidinha, lá, na África? Não, não, não. A solução praticada é campo de concentração. Não, nada disso. E sabem por quê? Porque este planeta é regido por Adam Smith. Adam Smith. Isso foi falado aqui, há três, quatro meses atrás, foi na penúltima palestra. Isso foi dissecado, falado, explicado.

Quando falei sobre “Adam Smith”, naquela vez, achei: “Isso vai dar um certo ‘ti-ti-ti’, não é?, vai ser comentado no *Facebook*. O povo vai atrás, vão ler.” Porque eu disse: “Adam Smith não funciona.” John Nash, Nobel de Economia de 94, provou que Adam Smith está errado. Não há acordo. Ou é um ou é outro. Não há “jeitinho” nessa história. Leiam. Pesquisem o que John Nash fez, e assistam ao filme: “Uma Mente Brillhante” (2001). Que aconteceu com a informação passada naquela palestra? Nada, nada, zero, zero, zero. E, por outro lado, está o *blog* “no ar”: “Como ficar rico em 24 horas com Hélio Couto”.

Entenderam o tamanho do problema? Em vez de se produzir um debate, uma análise, um estudo sobre Adam Smith e John Nash, não. Pegam-se as ninharias, as coisas mais irrelevantes, para se gastar tempo.

– O que é o “freio”.

– O “freio” é quando a onda toca e vem à tona tudo aquilo que está pendente, lá, no vaso chinês. E a onda fala: “Agora, enxergou? Está bom. Então, é preciso pagar o vaso. Para pagar o vaso, agora vamos lá: trabalhar, trabalhar, ajudar, ajudar, estudar, trabalhar, ajudar, estudar, trabalhar, ajudar, estudar...” Mas... Então, “freio” (*faz gesto de pisar*): “Não, mas não quero nada disto. Quero ficar mais rico, mais milionário, que nem o povo de *Wall Street*.” Certo? “Quero mandar vir patinha de caranguejo a US\$400 (quatrocentos dólares) para eu comer.”

Lembram-se da cena de “Trabalho Interno”, em que o “cara” mandava vir de avião, lá do outro lado do mundo, as patinhas de caranguejo a US\$400? Esse é o mundo deles; é assim. E o povo nem imagina, nem sonha.

A onda “bate” e fala: “Pode parar com isso. Acabou a comodidade de comer patinha. É preciso trabalhar, estudar, vamos ajudar os irmãos.” Aí, “freio”. “Caiu a ficha” por quê? “Caiu a ficha” por que se “puxa o freio”? A onda que entra é a onda do Todo – isso já foi falado várias vezes, aqui. A onda que entra é a onda do Todo. Em um curso, um *MBA* de Finanças, pronto, que você pediu, está bem? Então, o conhecimento está ali na onda. Você pode pedir o que quiser; vá enfileirando o conhecimento que quer. Está bem, peça um “pacotão”. Agora, onde está esse *MBA* que você pediu?

– Está no Todo.

– Exatamente. Numa onda do Todo. A onda que está portando a informação. É como se vocês ligarem uma televisão e aparecer “tal” programa “no ar”. Sai da Avenida Paulista, os elétrons viajam, você ligou, assiste. Muito bem. Vem uma onda lá da Paulista até a onda na sua casa, ou pelo cabo, não importa, mas é tudo onda. E o que acontece? Essa onda que está trazendo o programa de televisão para você é a onda

do Todo. E quando vocês pedem: “Quero ‘isso, isso, isso, isso e isso’”, a onda que está portando todos esses pedidos é O Todo. Aí, o Todo chega e toca, suavemente. E o que O Todo quer? Que um ajude o outro.

Lembram-se de dois mil anos atrás? “Filhinhos, filhinhos. Amai-vos uns aos outros”. Ponto. “Filhinhos.” O que aconteceu? “Matem.” Três mil e trezentos antes, não é? Três mil e trezentos, “Monoteísmo”. “Matem.” “Filhinhos.” “Matem.” Seguidamente, um após o outro, um após o outro. Falou que é para ajudar...

Coletivamente, é uma coisa difícilima, devido a tudo o que vocês já sabem. As pessoas não querem aceitar a Centelha Divina. Então, coletivamente, paciência. Agora, o que cada um aqui tem que pensar é o seguinte: “Como reagirei quando a situação global ‘apertar’?” Em termos climáticos, é irreversível. Isso poderia ter sido contornado cem anos atrás, cem, cem anos, cento e poucos.

Lembram-se de Nicola Tesla? Nicola Tesla disse: “Energia livre. Não precisa queimar todo esse petróleo, gente! Nada de poluir, energia livre”. Tiraram todo o seu dinheiro e o deixaram na miséria. Não pagaram as patentes dele, não pagaram os contratos, nada. Acabou. Vocês sabem que ele tinha feito um acordo de um dólar por *quillowatt*, certo? Todo *quillowatt* consumido ele ganharia um dólar. É que não sabiam, não acreditavam que ia funcionar. Então, falaram: “Está feito.” Só que não assinaram. Mas falaram: “Não, está tudo certo. Pode fazer.” Ele fez, funcionou. Então, ele cobrou: “Bem, meu *royalty*?” Questionaram: “Cadê o papel?” Ele falou: “Não precisa de papel. Nós conversamos.” Sabem o que falaram a ele? “Isto aqui é a América”. Um banqueiro. Um banqueiro virou para ele e disse: “Isto aqui é a América.” E ele ficou na miséria. Assistam ao filme sobre a vida de Nicola Tesla.

Isso ocorreu há cem anos foi dada essa oportunidade. Não quiseram. Querem queimar, queimar petróleo, queimar carvão. Querem? Então, paciência. Agora, em 2014, estamos vendo as consequências.

Então, resumindo, a questão que cada um terá que responder é: “Como reagirei quando essa coisa ‘apertar’? Farei parte da barbárie, da selva, matarei para sobreviver, a qualquer custo? É isso o que eu farei? Ou agirei de acordo com o que o Mestre falou?” Essa é a questão, em última instância. Essa é a questão que está “no ar”. Não será amanhã, isso. Vocês não terão que responder essa questão amanhã, nem daqui a

seis meses, nem daqui a um ano, nem dois, três, quatro, cinco, seis, sete, não é? Mas será ainda nesta geração, hein? Não é um tempo infinito. Esqueçam essa ideia de: “Ai, daqui a duzentos anos...” Não, não, não, não, não. Estão vendo aí fora? Vão dar uma olhadinha na represa, deem uma olhadinha. Já é uma questão de agora, agora. E que, dia após dia, vai, vai, vai, vai, vai, vai.

Vamos ter que decidir o que nós faremos, cada um de nós. Lá na Europa cada um terá que resolver isso: “Vamos deixar os africanos morrerem de fome, lá, no campo de concentração? Ou vamos metralhar todo mundo e ninguém entra na Europa ou na América?” Ou esses irmãos serão tratados como irmãos? Em última instância, eles estão nessa situação porque os europeus estraçalharam com a vida deles, econômica, social, política etc.

– Não há algo por trás disso, para eles estarem nesta situação?

– Não.

– Eles não são o efeito de alguma coisa?

– Não, não. Quando... Em 1500 a África estava à frente da Europa, em termos sociais.

– Mas estou falando no foco de reencarnação.

– Agora, se for levar por esse raciocínio, agora os brancos estão encarnando na África, entenderam?

Agora, não é porque o sujeito foi fazendeiro, teve escravos, e agora ele está lá na Somália, naquela situação, que vamos abandoná-lo. Se não o ajudarmos, o que ele vai fazer? Vai invadir barcos, vai ser pirata, vai matar, e aí, *ad infinitum*, não se quebra essa roda das reencarnações, entenderam? A Samsara. Não se consegue quebrar isso. Para quebrar é preciso dar amor a esse sujeito da Somália. Aí, vida após vida, ele vai melhorando, melhorando, melhorando, melhorando, pronto, melhora.

Agora é simples. É urgente que se pense nessa problemática e que se divulgue, para que as pessoas possam se mobilizar para ajudar, de alguma forma. Porque Somália é lá. Mas aqui perto há a Bolívia, o Peru,

o Equador, há muitos problemas semelhantes aqui. E há também a periferia de Santo André, está certo? Vão falar: “Não, mas...” Não, mas o problema vai ocorrer na periferia de Santo André, quando essas pessoas não tiverem comida.

Eu não posso contar e dar muitos detalhes, porque senão vão falar: “Ai, o Hélio está alarmando o povo.” Entenderam? O povo vai ficar preocupado, vai “morrer de medo”. Uma cliente me disse: “Ai, uma pessoa lá no *Facebook* ‘morre de medo’ dos reptilianos”.

– (*risos*).

– Gente, quem tem o poder no Universo? Você só pode ter medo dos reptilianos se não acreditar no Todo. Nesse caso, as coisas se complicam, não é? Porque, se você acreditar no “deus 1”, “deus 2”, “deus 10”, num monte de deuses, aí há “o deus deles”, “o deus do outro”, então você tem que ter medo, mesmo. Mas, se você acredita no Todo, não precisa ter medo nenhum dos reptilianos. A Luz é o poder. Deus é o poder absoluto, total. Com uma ondulação d’Ele, todas as pessoas ficariam sabendo, tendo certeza de que Ele existe, de que existe a Centelha, pronto, tudo, tudo estaria resolvido. Uma ondinha do Todo, se Ele quisesse fazer isso. Antes que vocês perguntem por que Ele não faz isso, já digo: Porque, nesse caso, como fica o mérito de vocês? Como é que fica o mérito? Mérito nenhum; zero, zero, certo? Não existe mérito, se você chegar a essa conclusão porque o Todo veio e massacrou você de informação, abriu, “rasgou o véu” da realidade, pegou você e mostrou: “Está vendo o astral? Olhe, é ‘assim, assim, assim’, está vendo? Agora você acredita?” “Ah, está certo...” Assim, que mérito você tem? Você não pesquisou, não evoluiu, não fez o bem, não melhorou. Por isso que O Todo não faz dessa forma.

Tudo isso tem uma razão de ser, porque cada um cresce devido ao seu trabalho. E aí tem a recompensa disso. Senão, que graça teria? Não precisaria haver nada. Na verdade, Ele nem faria isso, certo? Nem faria as criaturas, o Universo, coisa nenhuma. É necessário que Ele faça tudo isso, povoar com todas essas Centelhas Divinas, e depois elas fazem essa “caca” toda, e Ele precisa mandar uma onda e consertar tudo? Já

pensaram? O Todo pensa. Ele pensa nisso. Ele já pensou nisso tudo antes de ter feito; antes. Então, Ele não faz.

Deixa seguir o curso, porque Ele quer que cada um cresça e chegue à felicidade pelos seus próprios méritos. Com toda a ajuda Dele – mas só se você pedir. “Garganta abaixo”, Ele não coloca, de jeito nenhum; é só se você pedir. Você pediu, tem. Pediu, recebe. “Bate, que a porta abre”. “Tudo o que vocês pedirem, crendo que receberam (*passado*), receberão (*futuro*)”. É só meditar sobre versículo desses, que você chega lá. Ele deu a fórmula inteira: é crendo que recebeu (*passado*); crendo que recebeu – 100%. Está resolvido. Já recebeu. “Ai, mas o carro não está na porta”. Paciência. Continue acreditando que recebeu. “Ai, o carro não está na porta”. Bem, então você já não está acreditando que recebeu, porque você foi lá olhar o carro que não está na porta. Você não pode abrir a porta para olhar se o carro está lá. Enquanto não tocarem sua campainha para falar: “Amigo, há um carro na sua garagem, novinho em folha”, enquanto não acontecer isso, resignação.

Boa noite.

Obrigado.

Este *ebook* é distribuído em sistema digital para plataformas *Ipad* e *Kindle*. Foi, também, impresso em sistema offset sob demanda com a utilização de papéis oriundos de árvores reflorestadas sob a norma ISO 14001.

RECICLE SEMPRE

